BYRON TÔRRES DE FREITAS
TANCREDO DA SILVA PINTO

AS IMPRESSIONANTES CERIMÔNIAS DA UMBANDA

Esta obra foi aprovada oficialmente pela Confederação Espírita Umbandista e pela Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro. É recomendada pela União dos Cultos Afro-Brasileiros.

Essa obra contém 9 gravuras

EDITORA SOUZA
Rua do Lavradio, 60
Rio de Janeiro — 1955

Esta obra foi aprovada oficialmente pela Confederação Espírita Umbandista e pela Federação Espírita Umbandista do Estado do Rio de Janeiro. E' recomendada pela União dos Cultos Afro-Brasileiros.

Êste volume é uma seleção das reportagens dominicais sôbre a Umbanda, publicadas no conceituado e popular matutino "O DIA" em 1953, 1954 e 1955

BYRON TÔRRES DE FREITAS
TANCREDO DA SILVA PINTO

AS IMPRESSIONANTES CERIMÔNIAS DA UMBANDA

EDITORA SOUZA
Lavradio, 69
Rio de Janeiro 1955

Ó KOFY OLÖRÚN
OLÓRÚN KÔO BOSSY!

MENSAGEM A TODOS OS UMBANDISTAS
(em Omolocô)

Muzambê mungongo di Umbanda!
Pupiá ondaca.

Calundú matôco paranga, banguelê. Uamba, cum sarango, capungo, sibarré. Gôlo matoco, tontôlo. Roncó abatá? Omindes i omindes covicanda bacuro, otô di Umbanda fumuluca mironguê. Adidé camutuê! Uamba, cum bambazuó, ojô kokorô, candonga, êkê. Mucanda cangongo iá jambá, arirê, vissungos camuquengue. 1954 — otequê Oxalá
Sale, sale Zâmbi!

Cambuto a cambuto
TANCREDO e BYRON.

MENSAGENS DE FIM DE ANO
(em Nagô)

CRISTOVAM (babalorixá): — Ôdun mêlô ni iwô?... Égbérun ôdun? Ogbón ré gbé nijetá. Abi min lanan.. Ixé mó mi lára, yési bówo fun Oxaguian. Môri oxumarê, gbá mi gbô. Mógbá Olôrún Babá Ibêrê ôdun (ojô kifa ósé) 1954 — ódun kan Oxalá.

Aburô ôkurin ré
TANCREDO e BYRON.

(em Angola)

TIO PAULINO (Ogân): — Muzambê mungongo di Umbanda — matôco, dumbá, erê, ni canzó meprá; malungo grungunhar ni paranga; farioló di quelé; bambaré di quiptungo, calumba i zabelê. Malamba ni quizonga i erú, oló 1954. Keró, ucaiara! Keró, hochi! Cuchica, adejá! Cindôlôcá... Saravá Zâmbi!

Cambuto a cambuto
TANCREDO e BYRON.

PRÓLOGO

... *E assim dizia o verso do poeta lusitano Augusto de Lacerda:*

..... homem que, sôbre o abismo,
contemplas o azul, as terras e o mar.

No alto da montanha, solitário, o iniciado lançava a sua vista até os confins do horizonte. Lá em baixo, na planície, estendia-se a cidade tentacular, povoada de monstros e santos, da verdade e da mentira, da calúnia e da incompreensão, aqui um caldeirão de ódios, ali um poço de virtudes, ilhas de bondade e rios de maldade, tudo numa mistura incrível, o sagrado e o profano, a juventude e a velhice, o crente e o ateu.

De súbito, uma nuvem sobrenatural escondeu o panorama aos olhos do vidente. Tudo desapareceu: a civilização de ferro e aço, a vaidade e a ambição desmedida pelo dinheiro, a falsa glória do mundo, a cultura e a ignorância, o orgulho e a humildade, as construções de cimento armado, os templos e as escolas, os poderosos e os que têm sêde de justiça. No tremendo naufrágio, sobrenadou apenas a realidade universal: o espírito vivo e atuante. Muito ao longe, imerso no vácuo sideral, êste planeta de provação rolava sereno, no ritmo da atração universal.

E o vidente pôde compreender, enfim, o ensino dos instrutores religiosos da humanidade, isto é, que o que, a nós, pobres mortais, se nos afigura realidade é simplesmente a aparência, o sonho fugaz, que se desvanece quando nos libertamos da prisão da matéria e regressamos à nossa morada verdadeira.

*
* *

Cumpre, pois, aos iniciados "descerrar o véu de Isis", a fim de que, melhor esclarecidos, os espíritos sofredores possam entender o significado de sua missão terrena e sofrer menos, caminhando tranquilos na senda da evolução espiritual. Tudo passa, o prazer e a dor, mas as reencarnações se sucedem, e delas não guardamos recordação, na maioria dos casos.

A existência dessas fôrças sobrenaturais é uma realidade viva. Diàriamente, nos terreiros de Umbanda, os adeptos conversam com os orixás manifestados no corpo dos médius-homens, mulheres e até crianças de certa idade. Os umbandistas consultam os bondosos orixás sôbre problemas espirituais e materiais que defrontam, no ramerrão da vida cotidiana. Os seus mais íntimos pensamentos são logo conhecidos do orixá, que dá imediata resposta às suas perguntas mentais. E' o fenômeno da transmissão do pensamento, que, entre pessoas vivas, tem o nome de telepatia.

Celeste é a origem da alma do homem, mas êste não conhece Deus, ao qual os umbandistas chamam Olôrún ou Zâmbi. Quando, no entanto, lhe é dado compreender a realidade, liberta-se do êrro e alcança a perfeição relativa.

O corpo do homem é o produto dos elementos terrestres, fecundados por uma essência cósmica, e habitado por um espírito evolutivo. É, pois, o resultado, o reflexo, de suas vidas anteriores. Tudo tem sua explicação lógica, no imenso encadeiamento de fatos, atos e coisas que sucedem no Universo.

Felizes daqueles que conseguem romper os véus da ilusão e penetrar a essência íntima dos fenômenos!

Disse o Bhagavân Sri Râmacrishna: "a consciência divina não virá enquanto houver três coisas no coração: vergonha, ódio e temor". Liberta dessas causas de êrro, a alma do homem recebe a luz dos orixás e atinge a Aruanda, o céu dos umbandistas, onde habitam êsses espíritos angélicos.

Não basta pedir maleme (perdão) a Oxalá, o Filho de Deus; é necessário não reincidir no êrro, purificar-se do pecado, praticar o bem, repelir os pensamentos de ódio e vingança, ajudar o irmão de fé e quaquer outro ente humano, ser bondoso com os animais.

Todos nós que vivemos nesta geração temos o dever de purificar a atmosfera espiritual para os que vierem depois.

Como dissemos em nosso livro "Doutrina e Ritual de Umbanda", fazemos parte da quinta raça-raiz (humanidade); a sexta raça está em vias de formação na América do Norte; depois virá a sétima raça, no Brasil, fechando-se o ciclo.

Chiang Sing (avatar ou reencarnação brasileira de uma princesa chinesa) reproduziu, em artigo publicado na imprensa carioca, em 21 de setembro de 1952, o que ouviu do centenário Budha Vivo, Lha Kuo, de Sikkin, no Tibet, sôbre os tempos que se aproximam:

"Em tempos próximos, o verdadeiro Dalai (Dalai--Lama) renascerá no Ocidente, pois assim afirmam nossas mais remotas profecias. Então surgirá a sétima raça dourada na América do Sul... *Para além dêste ponto, minha visão se turva, mas ainda vislumbro, a grande distância, um novo mundo que nasce das ruinas do passado,* à procura dos lendários tesouros que perdeu."

Êsses lendários tesouros, mencionados pelo venerável tibetano, são a consciência do alto destino do homem e o seu domínio sôbre os elementos naturais.

Capítulo I

CERIMÔNIAS DO CULTO

1. LINHAS E FALANGES

Os orixás, sêres espirituais de grande luz, descem aos terreiros e se manifestam aos crentes através de aparelhos humanos, "mediuns" ou "cavalos". Os orixás possuem bastante poder espiritual, mas necessitam de um instrumento físico.

Notam-se os primeiros sinais da manifestação quando o medium fica de olhos fechados e não fala. Então, o babalaô trata de lhe devolver a fala e lhe abrir os olhos.

Se o fluído pega o "cavalo" em cheio, joga-o no chão, às vêzes com brutalidade. O babalaô deve corrigir êsses defeitos do medium. E' necessário que a manifestação do orixá não seja perturbada pelo pensamento do "cavalo", não devendo haver colaboração alguma das idéias do medium.

No estado, fica sempre um copo liso, branco, de cristal (ou uma tijela branca ou um espelho), pelo qual o babalaô controla o movimento dos sêres espirituais e também dos visíveis (encarnados).

O espírito dá sinal de sua chegada da seguinte forma: — primeiro, no copo, onde o babalaô vê tudo, forma-se uma camada gazeificada, de várias côres, conforme o orixá. Quando é **kiumba** (espírito mau ou atrasado) no copo aparece uma côr arroxeada ou mesmo escura.

* * *

Os grandes orixás não descem à terra, mas se manifestam através de orixás menores. Muita gente se admira com a grande quantidade de orixás baixados na mesma noite, à mesma hora, em centenas de terreiros. Mas acontece que não podemos comparar a natureza dos orixás com a dos sêres humanos. Os

orixás gozam do dom da "ubiquidade", isto é, podem estar ao mesmo tempo em vários lugares. Um grande orixá, lá da Aruanda, ou céu onde se encontra, envia os seus pensamentos em forma de fluídos mentais.

Além disso, em cada "família" ou "falange" de orixás, há o chefe da falange e os orixás menores. A palavra "menor" tem aqui um sentido muito relativo e serve apenas para distinguir o orixá-maior dos demais orixás seus irmãos.

Há 12 falanges de espíritos, porém apenas 7 linhas, porque algumas falanges femininas se ligam à de Oxún.

As 12 falanges são :

1 — Oxalá
2 — Nanã
3 — Omolú
4 — Ogún
5 — Oxôssi
6 — Oxún
7 — Yansan
8 — Yemanjá
9 — Beiji (ou Ibeiji)
10 — Exú
11 — Xangô
12 — Linha das Almas.

As 7 Linhas de Umbanda são :

I — Oxalá
II — Yemanjá
III — Ogún
IV — Oxôssi
V — Xangô
VI — Oxún
VII — Omolú

Na falange de Oxalá, o chefe é **Oxalá Alufân,** ou **Oxalufân;** os outros orixás são : **Oxalá Guian** (Oxaguian), **Oxalá Dacún,** etc. Oxalá Alufân, sòmente baixa de 21 em 21 anos; Oxalá Guian, de 7 em 7 anos; e os outros, uma vez por ano.

Na falange de Ogún, o chefe é **Ogún Megê;** os orixás menores são : **Ogún Rompe-Mato, Ogún Yára, Ogún Dilê,** etc.

Na falange de Xangô, o chefe é **Xangô Agajô;** os orixás menores são : **Xangô Agodô, Xangô Alafin, Xangô de Ouro, Xangô Obomi** (Xangô menino).

Na falange de Oxún, o chefe é **Oxún Eubandá.**

Na falange de Yansan, o chefe é **Inhapopó.** Na falange de Omolú (**Obaluaê,** em nagô), o chefe é **Xapanan.** Na falange de Yemanjá, a mais velha é **Assobá.** Na falange de Nanã, a mais velha é **Iabai.**

* * *

Os Exús são criados das falanges dos orixás. Cada orixá tem um exú, seu empregado. Assim, **Exú Lalú** (chefe da falange dos Exús) é o criado de Oxalá Alufân. **Exú Barabô** é de Xangô Agajô. **Exú Tiriri** é de Ogún Megê. **Exú Tranca-Gira** é de **Oxôssi. Exú Mirim** é de Ibeiji. **Exú Daké** é de Omolú.

Na falange de Pomba Gira (exú feminino), a chefe é **Curiê.** Os exús femininos servem as falanges dos orixás femininos: como Oxún, Yemanjá, Yansan, etc.

2. SAMBAS, CÓTAS, IABÁS

As "sambas" e as "cótas" fazem parte da hierarquia de um terreiro, enquanto as "iabás" são as cozinheiras do culto. A "filha de santo" começa por ser "iaô" (iniciada), depois passa a "samba", quando aprendeu o pé de dança dos orixás e outras práticas, chegando, após intenso aprendizado, a "cóta" (no Omolocô) ou "ekete" (no Nagô).

AS SAMBAS E SUA INFLUÊNCIA POPULAR

Muito se tem escrito sôbre à origem da palavra "samba", música popular brasileira conhecida mundialmente, hoje. O ritmo do samba nasceu nos terreiros afro-brasileiros, por influência das sambas, ou dançarinas do culto. Dos terreiros, o ritmo do samba, aliado à inspiração poética dos compositores, passou aos salões.

Os adeptos do ritual omolocô fechavam os seus terreiros no dia 20 de janeiro, ocasião em que os "filhos de santo" pediam licença para brincar nas festas do Exú pagão (Carnaval), começando logo os preparativos.

Houve no Rio de Janeiro muitos ranchos baseados nos cultos africanos. Em Vila Isabel, tivemos "Os Africanos"; em Barão de São Felix, "Os Cucumbís", congolenses, que representavam lendas sôbre os nativos do Congo e os índios. Na Bahia, sobressairam "O Afoxé de Obá" (o tambor do rei) e outros, que representavam em seus enrêdos motivos de várias nações africanas, podendo citar-se, ainda a famosa Tia Ciáta,

na Cidade Nova, com o seu bloco "Macaco é Outro" e suas baianas, sambas e cótas. No Rio de Janeiro, não devemos esquecer Tia Benedita, da Linha das Almas, e a velha Inhá, que representava o Estácio, acompanhada do pessoal de seu terreiro, com suas roupas típicas, de grande sucesso no Carnaval carioca.

Do expôsto, vê-se que as sambas eram figuras de destaque nos festejos de Momo, pelo seu pé de dança e molejo das cadeiras. Muitos curiosos ofereciam dinheiro para que o bloco parasse. Parado o bloco, formava-se uma roda, saindo a chefe para o centro e colocando-se em frente da samba escolhida para sambar, por meio de palmas. A samba, então, fazia o sinal da Cruz, sacudindo-se tôda ao som dos ganzás, adufos (pandeiros) e outros instrumentos, e, a certa altura, ia se agachando com as mãos nas cadeiras e se levantando, num rebolar originalíssimo, de cima para baixo e de baixo para cima, fazendo com que os assistentes jogassem chapéus, dinheiro e outros objetos, aos pés da samba gritando ao mesmo tempo: "ecô... ecô..." (chega, está bom), ocasião em que a samba ia tirar outra, batendo palmas em frente da colega e pedindo licença à chefe para voltar à roda.

Quando iam tirar as mulheres para as danças, os homens diziam: "Agô, iáiá" (a senhora dá licença?) e as mulheres respondiam: "Agô iá, iôiô" (licença tem o senhor). E, assim, o pessoal dos terreiros brincava o Carnaval, deixando como tradição as ricas baianas de hoje e as escolas de samba.

Verifica-se hoje uma certa confusão entre "samba" e "batucada". "Batucada", ou, melhor "bantucada", veio dos Angolistas, negros Bantús, raça liberta, valente e alegre. Brincavam êles a "capoeira", divertimento só para homens, que mostravam grande agilidade e segura aplicação nos golpes. O ritmo dêsses batuqueiros era diferente, forte e atrativo, acompanhado por grandes adufos. O ritmo dos pandeiros, comandava os golpes da capoeira, vendo-se batucadas pesadas, como estas assim denominadas: "É ordem do rei para matar", "O rei mandou castigar", "O navio apitou", "Chegou minas gerais" e outras.

Dentre os batuqueiros famosos, citamos — Eduardinho, da Piedade; Valdemar, da Babilônia; Inácio, do Catete; Abel e Melado, de Catumbi; Caneta, Nino e outros, do Estádio; Geraldo, da Fundição (Cidade Nova); Bernardo Sapateiro, valente tirador de batucada, do Bêco do Espinheiro. E, ainda, o grande João Minas, introdutor da cuíca no samba (um parênteses: a palavra cuíca é uma forma aportuguesada da palavra ango-

lense "puita", que é um instrumento do culto, especialmente entre os "lundas"). João Minas está hoje esquecido no Asilo dos Velhos, no Boulevard 28 de Setembro.

A batucada tem suas "pegadas" ou golpes, cada qual com seu nome especial. Assim, por exemplo, "baú" (batucada leve) não servia para derrubar alguém; "banda cruzada" (batucada pesada), aplicada com as duas pernas, fazia cair o adversário com a perna esquerda ou a direita, golpe que não dava tempo para a defesa; "banda de frente", golpe em que o batuqueiro caía em cima do adversário, sem se machucar; "banda jogada", quando o batuqueiro vinha bamboleando o corpo, e, ao se aproximar, batia palmas perto do rosto do adversário para distraí-lo, passando, então, rápido a perna e derrubando-o perigosamente; "tesoura", golpe que se dava com as duas pernas trançadas nas pernas do adversário; "tirica", ou "rabo de arraia", pegada de muita agilidade, pois consistia em colocar uma das mãos no chão e levar uma perna até alcançar o rosto do adversário com o pé. Tudo isso foi desaparecendo, mas constituia um excelente meio de defesa pessoal, como o "jiu-jits" e outros esportes.

A estilização do samba, como samba-canção, samba de bréque, samba-batucada, foi obra dos compositores populares modernos. Os sambas antigos possuiam letras curtas, tais como: "Olha o rema no mar", "Saia de babado, babadão", "Iáiá não vai no coqueiro, não...", etc. Surgiram, porém, compositores como Rubens, Baiaco, Milton, Ismael, Tibelo, Francelino e outros, que frequentavam o terreiro da Tia Benedita, no Rio Comprido, e, com êles, o samba estilizado, em sua forma contemporânea. Daquele povo do santê, surgiu também a primeira escola de samba no Rio de Janeiro, onde brilhou o grande tocador de cuíca Oliveira, já falecido, e que representou o nosso samba no estrangeiro.

Como vêem, embora não pareça à primeira vista, o Carnaval carioca muito deve aos filhos de santo. Dos terreiros, veio o ritmo do samba.

Notemos ainda que o samba raiado era executado de duas maneiras: ou por meio de palmas, cavaquinho, violão, réco-réco e prato, ou com êsses instrumentos e cantos. Entre êsses cantos, citemos:

"Ah! eu iá
Ei cebolá
Da Bahia me mandaram

Um presente
Um presente
Ei cebolá".

A função mais destacada das "sambas" num terreiro é exatamente a das danças sagradas. Assemelham-se as sambas às "bayaderas" hindús. Em numerosas religiões, o ritual das danças sagradas apresenta grande importância. A dança, nos tempos antigos, era uma forma de homenagear as divindades.

AS CÓTAS

As "cótas" são as zeladoras dos terreiros, com missões diferentes a cumprir, fazendo o serviço doméstico dentro do culto — a limpeza dos "otás" (assentamentos), do terreiro, a lavagem de todos os objetos pertencentes aos orixás. Não há número prefixado para as "cótas".

A lavagem das roupas dos orixás, de toalhas e de outras peças não é feita com sabão, porém com "macária" (vassourinhas de Exú). A "macária" é uma erva que espuma como sabão, ao ser atritada, alvejando a roupa sem necessidade de preparado químico. O terreiro, o estado, o "pegí", são limpos com "macária". É que o culto não gosta do que vem com sacrifício, e o sabão comum provém de animais.

As funções da "primeira cóta" são as seguintes : — conhecer os defumadores e as bebidas de cada orixá; conhecer as ervas para o "amací"; saber as côres das pembas e das vestes de cada orixá; preparar a bandeja para abrir e fechar o terreiro, ou para a recepção de babalaô ou sacerdote menor; conhecer o ritual debaixo do "alá" (pálio) inclusive o preparo da bandeja e sua condução; varrer o "otá" com a "macária"; receber ordens da "iakêkêrê" (mãe pequena).

As funções da "segunda cóta" são : — cumprir as instruções da primeira "cóta"; varrer o terreiro com a "macária"; lavar as roupas dos orixás com essa erva; distribuir as comidas dos orixás, dando a cada participante a parte do animal que lhe cabe.

Todo o terreiro deve ter a "cóta da iabá", que é a ajudante da cozinheira, competindo-lhe ralar o que for necessário por meio de pedras, preparar o "aluá" (bebida do culto) e executar outros serviços domésticos na cozinha.

A "mãe pequena" distribui o serviço à primeira cóta, e esta o transmite às outras cótas, substituindo as que estiverem em estado de menstruação.

Os Orixás, quando arriam nos terreiros e ficam satisfeitos com as cótas, procuram agradá-las, cantando corimbas apropriadas, inclusive esta :

"Cóta, cóta,
que eu vai oló
Cóta, cóta,
vou com Zâmbiapongue
Cóta, cóta,
que eu vai oló.
Cóta, cóta,
adeus, até prá o ano,
Cóta, cóta,
oia dua com dua
Cóta, cóta,
adeus, adeus,
Cóta, cóta,
até prá o ano,
Cóta, cóta.

Isto é, desejavam que as cótas pedissem a Zâmbi (Deus) para dar mais fôrça e luz aos Orixás, para as ajudarem. Cantavam depois o "guiame" (despedida). Hoje, a maioria dos terreiros desconhece o "guiame" dos Orixás.

AS IABÁS

As "iabás", conforme já dissemos, são as cozinheiras do culto. A manutenção de um terreiro ocupa muita gente, pois cada qual tem sua função própria. O chefe do terreiro, o babalaô, além de determinar o que deve ser feito, ainda preside às grandes obrigações.

As comidas dos orixás são preparadas com muita limpeza. Têm grande poder alimentício e são temperadas com o condimento adequado.

A verdadeira bebida do culto é o "aluá". Prepara-se o "aluá" com milho, fubá de arroz ou outra substância que dê fermentação. E' queimado para dar côr, havendo o "aluá" branco e o escuro. O "aluá" contém gengibre, que lhe dá um sabor especial.

Com o evoluir dos tempos, foram sendo adotadas outras bebidas, como a cerveja prêta e a cerveja branca, o "champagne". O vinho e o paratí já vêm de longa data.

Os ossos do animal sacrificado não podem ser quebrados, porém separados pelas juntas. Depois de servida a comida, os

ossos são reunidos, recomposto o esqueleto, sem as carnes e despachado tudo para o lugar conveniente.

As "iabás" têm uma ou duas "cótas", suas auxiliares no serviço doméstico.

O material em que se prepara a comida de santo não é o mesmo da cozinha comum. São panelas de barro e colheres de pau. Tudo é feito em local separado da cozinha comum. Sôbre a panela, coloca-se uma tampa de barro. Em cima desta, coloca-se uma bandeja com um copo dágua virado. Sôbre o copo, há uma vela acêsa. Sob essa armação, é que ferve a comida do santo.

A comida feita na panela de barro é muito mais saborosa do que a feita em panela de metal. O pão feito no fôrno queimado a lenha também é melhor.

Pronta a comida, só é servida quando o babalaô dá ordem para ser arriada. Come-se sempre à noite, observado o ritual descrito em nosso livro anterior.

Exige-se da "iabá" muitas qualidades morais e um grande asseio corporal.

3. CAMBONOS E OGÂNS

A hierarquia da Umbanda compreende sacerdotes masculinos e femininos. Em todos os cultos religiosos, há sacerdotizas. Deve-se êsse fato à circunstância de que a mulher possui qualidades espirituais, mediúnicas, diferentes das do homem. Voltaremos a êste assunto, em outra reportagem.

Já tratamos da hierarquia sacerdotal na Lei de Umbanda. Hoje, publicaremos alguns detalhes relativos a cambonos e ogâns. Assim, ao grau masculino de "cambono colofé" corresponde o grau feminino de "amorô". Ao de "ogân", masculino, corresponde o de "iadogan", feminino.

CAMBONOS

Quando o iniciando ("euboré" ou "abaô", para o homem. e "iaô", para a mulher) faz suas obrigações de assentamento de Orixá, e quer conhecer as mirongas da Umbanda, é elevado à categoria de "cambono do abacé". Passa, então, a atender aos orixás ou bacuros, com a missão de enxugar o rôsto do médium que está manifestado e evitar que êste se machuque. Atende também aos serviços domésticos do terreiro. Deve usar a guia do seu "eledá" (anjo da guarda), vestindo traje branco completo, inclusive um gorro. Vai se desenvolvendo aos poucos,

adquirindo prática, aprendendo a linguagem do culto e firmando seu "pé de dança". Depois de bem treinado, é promovido a "cambono de ebó", usando mais uma guia, a de "ebó".

Nesta nova função, o cambono terá de aprender a despachar para Exú, que tem seu lugar determinado neste planeta, onde cada um cumpre a sua missão. As encruzilhadas têm várias denominações e vários donos, sendo : abertas, fechadas, de cabeceira, de caminho, etc.

O cambono de "ebó" é obrigado a conhecer a morada dos Exús, para poder entregar as oferendas que lhes são dadas, e saber a maneira de efetuar as entregas. Tais oferendas se destinam ao fechamento dos caminhos contra o mal visível e o invisível, por ser Exú saudado em primeiro lugar, em qualquer cerimônia. Sòmente se coloca nas encruzilhadas ou lugares afastados o "ebó" (despacho) que é carregado de fluídos maus, mas as oferendas são colocadas no assentamento de Exú, onde ficam por determinado tempo, tendo depois destino conveniente.

Um "ebó" carregado de dinheiro, farofa, paratí, charuto, etc., serve para transferir o mal de alguém para os curiosos, funcionando o dinheiro como chamariz. O leigo pensa que tudo aquilo é para Exú, o que não é exato, havendo o "ebó" direto e o indireto, isto é, o primeiro se destina a determinada pessoa e o segundo a quem botar a mão. Isso é arte do quimbandeiro.

O cambono de "ebó" é obrigado a conhecer as palavras cabalísticas do ritual, para fazer a entrega a Exú, devendo saber como proceder desde à saída do terreiro até o lugar da colocação. O babalaô fica no terreiro, no pegi, firmando o ponto para garantia do cambono, enquanto o ogân, acompanhado por todos, em côro, tira a seguinte corimba :

Que sai, que sai
O "ebó" de Exú } bis

Regressando o cambono ao terreiro, terá de bater palmas e esperar ser recebido, o que é feito com um copo com água, que serve para descarregar os maus fluídos que possam vir com o mesmo auxiliar, sendo ainda êste defumado. Em seguida, canta-se o ponto de agradecimento. Êsses cambonos são bem pagos para fazerem tais serviços, cuja entrega terá de chegar ao seu destino, pois o cambono se deixar o despacho a meio caminho ou em lugar que não pertença ao Exú determinado, sôbre êle recai tôda a responsabilidade. Exú castiga os que sabem e erram, mas perdoa os que nada sabem. A ambição pelo dinheiro tem prejudicado muita gente.

Em todos os terreiros deve haver os cambonos de "ebó", para fecharem e abrirem os caminhos, a fim de evitar perturbação nos trabalhos. O cambono de "ebó" é o elemento de segurança da gira.

No ritual, nota-se ainda o "cambono colofé", grau superior ao de cambono de "ebó". O "cambono colofé" não entrega despachos, e só executa entrega de grandes oferendas ou coloca as mesmas nos assentamentos dos Orixás. Um terreiro pode ter vários "combonos colofé", de terreiro e de "ebó", conforme as necessidades do trabalho.

Para as cerimônias da iniciação, devem ser convocados os "cambonos colofé", pois são os encarregados de atender os iniciados durante o período da camarinha. Sòmente o "cambono colofé" pode entrar na camarinha, quando é chamado pelo iniciando, ou por meio do "adejá" (campaínha) ou de palmas, até o dia da saída.

Depois de bem treinado, o "cambono colofé" passa a "ogân de terreiro", e sucessivamente, "ogân de atabaque" e "ogân colofé". A ascenção na hierarquia da seita requer muito tempo e assídua freqüência.

OGÂNS

No Omolocô, o "ogân de terreiro", quando confirmado, é uma grande figura. Significa: "senhor do meu terreiro ou do meu abacé". Em qualquer terreiro, pode haver alguém com as honras de "ogân", pelos relevantes serviços prestados ao terreiro ou a qualquer orixá, caso em que o agraciado passa a usar o título de: "Ogân de Oxún", etc., conforme a entidade. O título de "ogân de honra", puramente civil, é concedido a critério do babalaô, e não está sujeito à confirmação.

A tarefa de um "ogân" confirmado é de grande responsabilidade. Inicialmente, na abertura e no fechamento do terreiro, deverá saber tirar tôdas as corimbas para as cerimônias e cantar para todos os orixás. Quando é confirmado pelas 7 Linhas, tem de saber cantar para diversos rituais dentro do Omolocô ou da nação a que pertencer o orixá, bacuro, vodun e santê (Linha das Almas). Compete-lhe também conhecer todo o vocabulário das 7 Linhas, usar as guias do seu ritual e fazer qualquer cerimônia dentro dêsse ritual. A falta de um treinamento cuidadoso é que produz tantos ogâns de mentira, como se vê hoje.

O "ogân honorário", senta-se sempre em uma cadeira de vime, no terreiro, ao lado do babalaô, recebendo as homenagens dos filhos do terreiro e retribuindo-as, com um cambono

ou uma "cóta" à sua disposição. Mas o movimento do terreiro, nessas ocasiões, é administrado pelo "ogân" ou pela "iadogan", confirmados.

Há nos terreiros os primeiros, segundos e terceiros "ogâns de tambor" (senhor do tambor), que são os responsáveis pela conservação, limpeza e encouramento dêsse material, não sendo permitido a outra pessoa tocar êsses tambores, consagrados dentro do ritual, podendo o "ogân de tambor" ser substituido por outro do mesmo grau, depois da abertura dos trabalhos. Os "ogâns" de tambor são obrigados a conhecer todos os toques e ritmos, seja em Nagô, Gêge. Cabinda, Rebôlo, Omolocô, etc., acompanhando o ponto tirado pelo "ogân" do terreiro.

A batida dos tambores só é feita em dias de grandes festas ou cerimônias, e não como fazem hoje, de segunda a segunda-feira, parecendo mais tratar-se de escolas de samba, em época carnavalesca, perturbando o silêncio alheio.

Nos dias de desenvolvimento, os "ogâns de tambor", uma vez convocados, passam a tocar "ganzá", "macumba" (espécie de réco-réco) ou "orucungo", acompanhados pelas palmas dos presentes, dando ritmo aos pontos cantados. Os iniciados aprendem a cantar e a ter pé de dança, no estilo de cada orixá, formando-se nesse aprendizado as sambas (dançarinas do culto, no Omolocô).

Há também o "ogân colofé" (homem de minha confiança) que transmite as ordens do babalaô ao "ogân" do terreiro e fiscaliza os trabalhos, nas grandes cerimônias.

Qualquer pessoa iniciada no culto pode ser recebida em terreiro, a convite, fazendo o seu cumprimento do ritual, cerimônia muito interessante, mas que se acha hoje muito simplificada, reduzindo alguns centros a recepção ao oferecimento de uma bandeja, copo com água e uma vela, conduzidos por uma samba, o que não está certo, pois êsse encargo compete a uma "cóta", com o material do estilo.

Dentro do culto de Umbanda, não é privilégio exclusivo do babalaô oficiar os trabalhos, podendo qualquer um orientar uma sessão, desde que adquira os conhecimentos necessários. Visitamos muitos terreiros, cujos chefes não foram iniciados, porém que funcionam regularmente, com a respectiva diretoria e o seu quadro social, havendo um médium responsável na parte espiritual. Alguns prestam mesmo relevantes serviços aos necessitados, embora sem o conhecimento de tôdas as mirongas de nossa "banda". Seria de grande conveniência que essas pessoas esforçadas e bem intencionadas se iniciassem em um bom terreiro antigo, para refôrço de sua "cabeça".

Por outro lado, nem todos os iniciados merecem suficiente confiança para que lhes sejam revelados todos os segrêdos da Umbanda. Acontece que alguns se iniciam visando apenas o êxito comercial. O jôgo dos búzios demonstra, porem, a intenção dêsses curiosos. Possuímos diversos meios de advinhação, como, por exemplo, o jôgo dos búzios (o delogún) o efá, o opelê, a alubosa, etc., conforme a nação. Os elementos gananciosos pretendem a rápida aprendizagem dêsses métodos, mas só e permitido a revelação das mirongas a quem possa guardar segrêdo.

Os pesquizadores científicos escrevem muito sôbre essa matéria, mas nunca chegam a uma conclusão definitiva, por nao poderem compreender os mistérios da "mão de jôgo" e do "eché".

A maioria julga erradamente que o umbandista, depois de iniciado, pode explorar o público. A fôrça espiritual que se recebeu de graça dos orixás deve ser distribuida de graça. Se, na porta de um terreiro, bater um necessitado de caridade, o chefe do terreiro terá de atendê-lo, fornecendo o dinheiro para a compra do material necessário, a título de empréstimo. Atendida em sua pretenção, a pessoa socorrida é obrigada a devolver a quantia do empréstimo, sob pena de ser julgada pelo orixá.

4. REFLEXÕES SÔBRE A SEMANA

A religião é o laço entre Deus e os homens. Tôdas as idéias religiosas têm, pois, um fundamento comum, que é a existência do Ser Supremo, a manifestação de sua vontade através das fôrças naturais, o destino do homem após sua morte.

Sem preconceitos, nem vaidade, mas com o espírito em comunhão fraternal com todos aquêles que curvam a cabeça ante Deus, procuramos encontrar as provas que ligam a Umbanda à tradição esotérica universal. À proporção que caminhamos na senda do conhecimento, mais e mais se nos afigura próximo demonstrar a unidade fundamental do sentimento religioso, que independe das condições de raça e cultura.

A vida social é organizada de acôrdo com os fenômenos da Natureza. Vivemos em um planeta, em tôrno do qual gira um astro muito menor, um satélite, a Lua. Êsse astro menor se move em tôrno da Terra efetuando uma volta completa em um período a que se denominou mês. À medida que vai se movendo, a Lua (que só nos mostra uma parte de sua superfície, pois parece ter um lado mais pesado do que o outro) vai apresentando aspectos vários, a que se deu o nome de

"fases", cada uma das quais tem a duração de cêrca de sete dias, ou uma "semana". As fases são : Lua cheia, quarto minguante, Lua nova, quarto crescente, continuando nessa ordem.

Qual a origem da palavra "semana" ? E' latina e se compõe de "sept" (sete) e "manes" (deuses). Sept + manes = semana. A semana se compõe de sete dias, sendo o "dia" o período de tempo em que a Terra gira sôbre si mesma, caminhando simultâneamente em tôrno do Sol. Assim, cada dia os romanos dedicavam a um deus de sua religião.

E, feita essa digressão, voltamos ao assunto religioso. A semana constitui, assim uma divisão do tempo apoiada em fenômenos da Natureza, mais especìficamente, em fenômenos astronômicos, sendo, portanto, um fato de caráter mundial.

Para chegarmos à semana latina, podemos, procedendo de modo inverso, comparar, por exemplo a semana portuguêsa, a francesa e a inglêsa, começando pelo domingo :

PORTUGUÊSA : Domingo — Segunda-feira — Têrça-feira — Quarta-feira — Quinta-feira — Sexta-feira — Sábado.

FRANCESA: — Dimanche — Lundi — Mardi — Mercredi Jeudi — Vendredi — Samedi.

INGLÊSA : Sunday — Monday — Tuesday — Wednesday — Thursday — Friday — Saturday.

Combinando-se essas semanas (de origem latina), vemos que o Domingo é consagrado ao Sol, a Segunda-feira à Lua, Têrça-feira à Marte, Quarta-feira a Mercúrio, Quinta-feira a Júpiter, Sexta-feira a Vênus, e Sábado a Saturno.

Acontece que o Sol é Febo (Apolo, entre os gregos) e a Lua é Diana. Febo, ou Apolo, é o deus luminoso que percorre o céu em seu carro de fogo, puxado por dois cisnes de vôo infatigável. É o médico dos corpos, da germinação e das adivinhações, pois dá oráculos por meio dos adivinhos e das Sibilas, muito se assemelha a Oxalá.

Por sua vez, Diana, sua irmã, é a imagem da Lua. Diana é muio casta. E' a deusa da caça e gosta de se banhar nas águas cristalinas das fontes, com suas ninfas. Assemelha-se, portanto, a Oxún.

Recomporemos, dessa maneira, por dedução, a semana dos romanos : Domingo — dedicado a Febo (Oxalá); Segunda-feira, à Diana (Oxún); Têrça-feira, a Marte (Ogún); Quarta-feira, a Mercúrio (Oxôssi); Quinta-feira, a Júpiter (Xangô); Sexta-feira, a Vênus (Yemanjá); Sábado, à Saturno (Omolú).

Explica-se a similitude de Mercúrio com Oxôssi, porque Mercúrio é o deus romano dos pastores e dos viajantes que andam pelos campos e pelas matas. E' também o deus dos nego-

ciantes. Quanto a Júpiter e Xangô, Júpiter, à semelhança de Xangô, é o deus do raio e da tempestade; daí o seu nome de Júpiter Tonante. Tratando-se de Vênus e Yemanjá, o sincretismo está certo, porque Vênus nasceu da espuma das ondas e Yemanjá é o orixá do mar.

A semana ritual da Umbanda é a seguinte :

DOMINGO = Nãnã, Beiji.
SEGUNDA = Omolú, Iansan, Exú.
TÊRÇA = Ogún, Oxún, Ossãe.
QUARTA = Xangô, Obá, Bessén (Oxún-marê).
QUINTA = Oxôssi, Irôco, Iodé.
SEXTA = OXALÁ.
SÁBADO = Yemanjá.

A título de curiosidade, vamos estampar a semana civil Nagô :

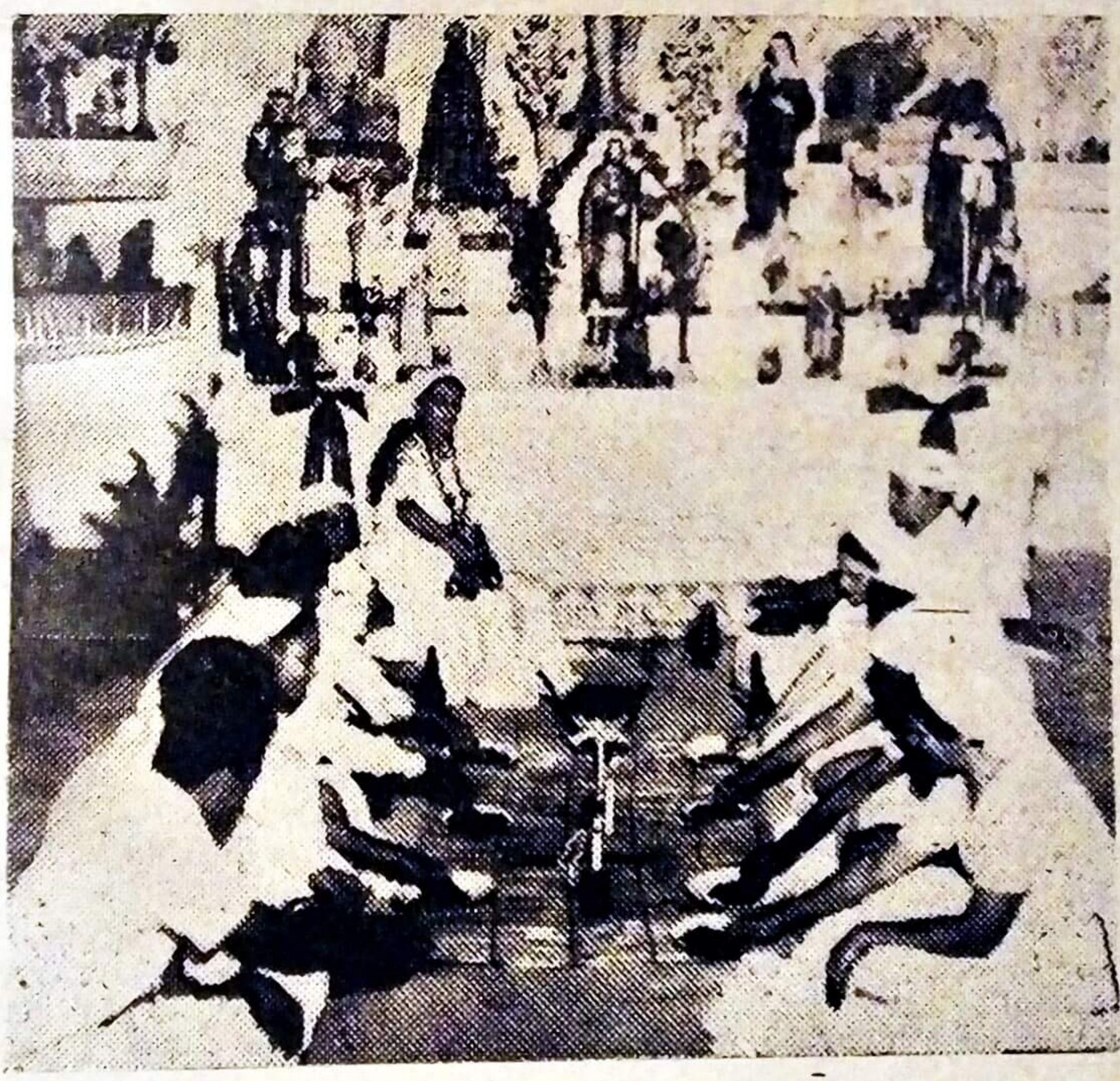
DOMINGO = Ójo oluwa ijósé.
SEGUNDA = Ójó keji ósé.
TÊRÇA = Ójó kêtá ósé.
QUARTA = Ójó kérin ósé.
QUINTA = Ójó kárún ósé.
SEXTA = Ójó kifá ósé.
SÁBADO = Ójó kelim ósé.

A entidade romana que mais se assemelha a Exú é a deusa "Hécate", que reina nos caminhos, nas ruas da cidade, nas encruzilhadas e nos cemitérios. Em nome de Hécate, os mágicos pronunciavam as terríveis fórmulas de seus encantamentos.

* * *

O antigo calendário africano se baseava no período de 13 luas. O ano se compunha, assim, de 13 lunações completas. O calendário europeu atual tem, porém, outra base.

Acabou a Semana Santa, que é uma data móvel. Por que ? Porque a Semana Santa deve cair na mesma lua, todos os anos. Deve cair entre o Quarto Crescente e a Lua Cheia. Assim, justifica-se que essa comemoração do Cristianismo seja realizada em datas diferentes, no calendário civil.



ARRIAMENTO DA COMIDA — Há 3 espécies de comida. A primeira é a do santo, colocada três dias no pegí e depois despachada no lugar próprio. A segunda é a do pessoal do culto, em lugar reservado. A terceira é para os assistentes, sem ritual. A foto representa o ooreá dos filhos do terreiro-jabonan, cótas, sambas, cambonos, etc., conforme já descrevemos

5. COMIDAS E BEBIDAS DE SANTO

AS COMIDAS DE SANTO FEITAS PELA IABÁ

Os quitutes da cozinha africana pertencem a duas categorias : uns são destinados às cerimônias do culto e outros ao público assistente.

No preparo das comidas do ritual, devem ser observados vários preceitos, inclusive a não permanência de mulheres menstruadas, nas cozinhas, sempre separadas da cozinha doméstica; o uso, pelas **iabás** (cozinheiras do culto) e das cotas, suas auxiliares, dos trajes apropriados e respectivas guias. Além disso, as panelas devem ser de barro, novas algumas vêzes, as colheres de madeira, o fôgo de carvão ou lenha, para dar melhor sabor à comida. Até mesmo o modo de abanar e mexer a panela é diferente do usual.

Às vêzes, depois de pronta a comida, joga-se os búzios, para saber se a comida foi aceita pelo Orixá; em caso contrário, é distribuida ao público, preparando-se nova.

Passemos, agora, a explicar os nomes e o preparo das comidas de santo.

CANGICA PARA OXALÁ — Oxalá é o maior orixá do culto. Como Oxalá-Alufan, é o Deus Supremo, o criador do Universo. Oxalá-Guian, é Jesus Cristo, o que veio depois para proteger e guiar os que estão sob sua proteção. Como Orixalá, protege tudo que estiver sob o **Alá**, formando-se essa palavra de orixá (espírito da natureza) e alá (o que cobre as criaturas); Orixalá pertence a um culto derivado do Nagô, na Bahia.

Êste orixá não recebe homenagens e cerimônias junto com os outros, tendo o seu assentamento em lugar reservado. Sòmente baixa de 7 em 7 anos, salvo em casos gravíssimos. Só arreia em "cavalos" feitos dentro do culto e que se preparam com sete dias de antecedência para receber o grande Orixá.

Esta comida, quando é preparada para Oxalá, não leva azeite de dendê e sim "ori" (limo da Costa), preparado africano, que vem em fôlhas de bananeira. Quando pronta, é servida em tijelas brancas.

AMALÁ DE OGÚN — E' feito de feijão fradinho, levando camarão, azeite de dendê, etc.

AMALÁ DE XANGÔ — E' feito com rabada ou peito (carne fresca), quimbombô (quiabo), fresco, azeite de dendê, camarão, etc.

ACASSÁ — Dá-se esta comida também para Oxalá. Deita-se o milho branco com água em vaso bem limpo, sem qualquer resíduo, até amolecer, ralando-se depois na pedra de ralar, passando-se numa peneira fina (urupema), ficando ao cabo de algum tempo a massa no fundo do vaso. Isto pronto, escoa-se a água, deitando-se a massa no fogo, com outra água, até cozinhar em ponto grosso, retirando-se com uma colher de madeira, pequenas porções que são envolvidas em fôlhas de bananeira, depois de um rápido aquecimento no fogo, ou não.

ACARAGÉ — Comida que se dá também para Iansan. Feita com feijão fradinho, depositado em água durante alguns dias, a qual é mudada diàriamente, até perder a casca, sendo o grão ralado na pedra de ralar. Isto feito, revolve-se a massa com uma colher de madeira, até formar uma pasta, colocando-se como tempêro cebola comum ou branca e o sal ralados.

Aquecida uma frigideira de barro, aí se derrama azeite de cheiro (azeite de dendê), e com a colher de madeira, vai-se deitando pequenas porções da massa e formando-se pequenos croquetes.

Para o "Acaragé", usa-se um môlho preparado com pimenta malaguêta sêca, cebola e camarão sêco, sendo tudo isso moído na pedra de ralar e frígido em azeite de cheiro, em outro vaso de barro.

Como estamos vendo, a arte culinária, dentro do Culto, obedece a rigorosa tradição, dando-se, para cada Orixá, a comida que lhe pertence...

AUSSÁ — Dá-se esta comida também para Oxún. Cozido o arroz em água sem sal, mexe-se com a colher de madeira, até formar uma consistência, usando-se para isso, um pouco de pó de arroz, cujo môlho é preparado como se faz para o "Acaragé". levando-se êste môlho ao fogo com azeite de cheiro e um pouco de água, até que esta se evapore.

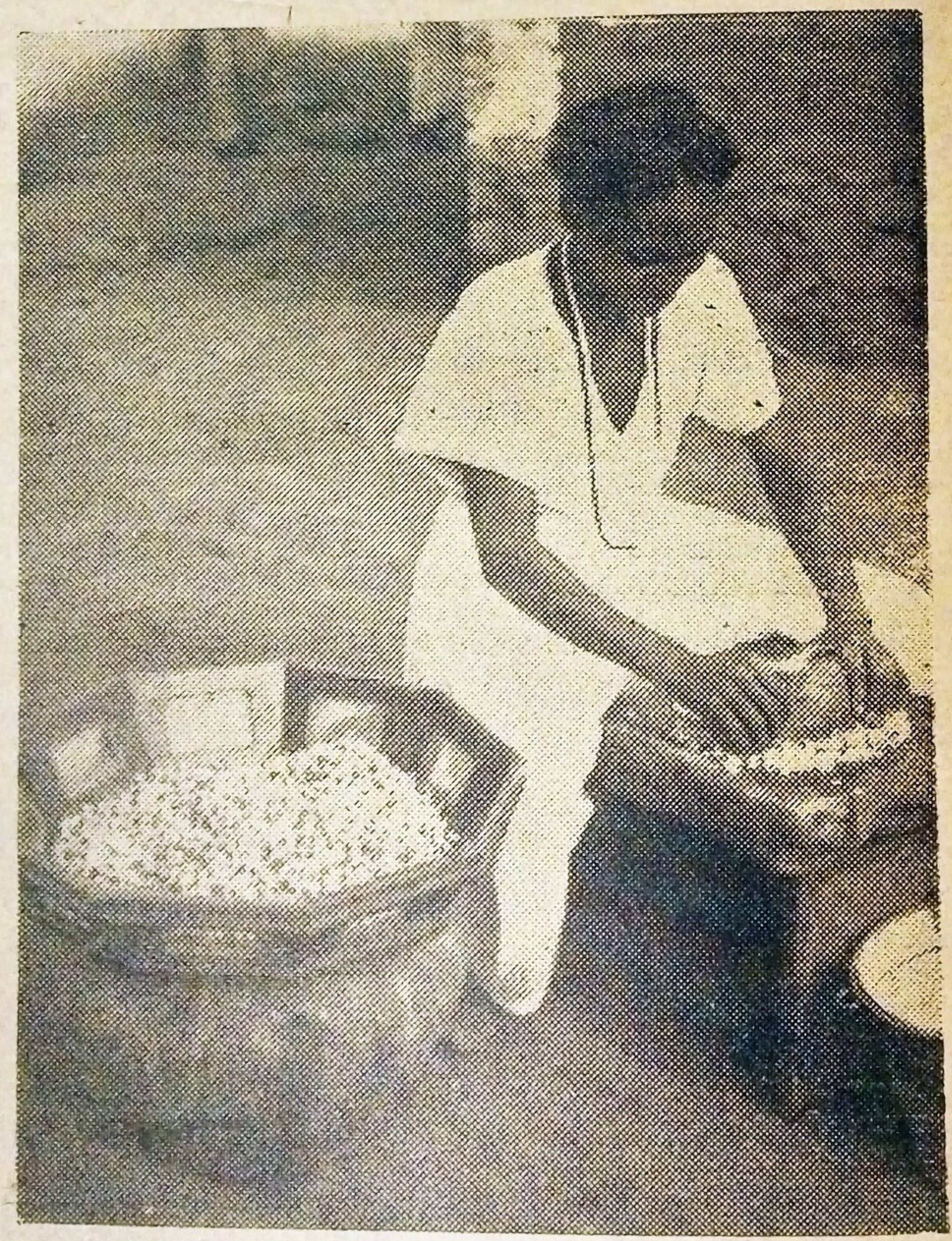
Quando esta comida fôr feita para ser servida ao público assistente, leva pequenos pedaços de carne sêca.

EFÓ — Serve para qualquer Orixá, menos para Oxalá. Corta-se a erva conhecida por "língua de vaca", "taióba" ou mostarda, pondo-se ao fogo a ferver com pouca água. Feito isto, escôa-se a água, espreme-se a massa daí formada e coloca-se de novo na mesma vasilha com cebola, pimenta malaguêta sêca, camarões sêcos e sal, azeite de cheiro, depois de tudo ralado.

CARURÚ — Dá-se para os Beijes e Xangô. No preparo desta comida, usa-se a mesma receita do "Efó", podendo ser feito de quimbombôs (quiabos), cortados bem finos, mostarda ou taóba, de "óió" ou outras gramineas. como sejam as fôlhas dos arbustos conhecidos por *unha de gato, bertalia, brêdo de Santo Antônio, capéba,* etc. O *carurú* é ingerido com *acassá* ou *efún* (farinha de mandióca).

ECURÚ — Conhecida também por PAMONHA, que se dá para Xangô. Preparado o feijão fradinho, como se fez com o *acaragé,* ou milho verde, coloca-se pequena quantidade em fôlhas de bananeira, como se faz no acassá, e cozinha-se em banho-maria.

•



Uma cóta ou ekète preparando a comida dos orixás, com ralador de pedra. Terreiro do Nagô, onde se trabalha com todo preceito

Pronto o ecurú, isto é, cozido, a sua massa é diluida em mel de abelhas ou num pouco de azeite de cheiro com sal.

XIN-XIN — Esta comida dá-se para Oxún e Iansan. Sacrificada a galinha, depena-se, lava-se bem, depois de retirados os intestinos, cortando-a em pequenos pedaços; coloca-se na panela para cozinhar com sal, alho e cebola ralados.

Logo que a galinha estiver cozida, ajuntam-se-lhe camarões sêcos em quantidade, sementes ou pevides de abobora ou melancia, tudo ralado na pedra, e o azeite de cheiro.

BÓBÓ — Corta-se o inhame em pequenos pedaços, leva-se ao fogo com água, temperando-se depois com o *êfó*. Serve para Xangô.

HUMULUCÚ — Serve esta comida para Oxún. Cozido o *feijão fradinho*, tempera-se com cebola, sal, alguns camarões, tudo ralado na pedra, botando ao mesmo tempo o azeite de cheiro. Só é retirada do fogo a comida. depois de cozidos os temperos.

DENGUE — Dá-se para Oxalá, Ogún e Oxôssi. Cozinha-se o milho branco, ao qual se junta um pouco de açucar.

ABARÁ — Serve esta comida para Xangô e Iansan. Coloca-se o *feijão fradinho* em vasilha com água até que a casca saia do grão, ralando-se depois na pedra com cebola e sal, com um pouco de azeite de cheiro, mexendo-se tudo com uma colher de madeira.

Tudo isto feito, envolvem-se pequenos pedaços em fôlhas de bananeira, como se faz com o *acassá*, e coze-se em banho-maria.

ABERÉM — Serve para Xangô. O milho usado para esta comida, é preparado como se faz para o *acassá*, fazendo-se depois umas bolas, que são enroladas em fôlhas de bananeira, aproveitando-se a fibra que se retira do tronco para atar o *aberém*.

Pode ser servido com *carurú* ou mel de abelhas, e, dissolvido nágua com açucar, é excelente refrigerante.

IPÉTE — Dá-se esta comida para Iansan. É feita com inhame, que. depois de descascado, cortado bem miúdo. é fervido até perder a consistência, quando é temperado com azeite de cheiro, camarões, cebola e pimenta, sendo êstes têmperos ralados na pedra.

ADÓ — Dá-se para Xangô E' o milho torrado reduzido a pó, tendo como têmpero o azeite de cheiro, podendo-se-lhe juntar mel de abelhas.

OLUBÓ — Serve para Xangô. Descasca-se e corta-se a raís da mandióca, em fatias muito finas, que são postas a secar ao sol.

No dia preciso, estas fatias são levadas ao pilão e aí trituradas e passadas em peneira ou *urupema*. Derramada água a ferver sôbre o pó, produz o *olubó*, espécie de pirão.

EFÚN-OGUÉDÉ — Dá-se para Xangô. É feita com a banana de São Tomé, não muito madura. descascada, cortada em fatias e colocada ao sol para secar.

Dias depois, é pisada no pilão, passando-se na peneira, obtendo-se a farinha chamada — *efunoguédé*.

OGUÉDÉ — Serve para Xangô. É feito com a banana da *Terra* frita no azeite de cheiro.

FEIJÃO DE LEITE — Serve para todos os santos, menos para Oxalá.

Cozinha-se o *feijão mulatinho* ou o *preto*, pisado ou moído no pilão para se tirar a casca do grão, pela sua indigestabilidade, pelo que é preciso passar o feijão na urupema.

Depois disto feito, adiciona-se quantidade suficiente de leite de côco, para dissolver a massa, sal e açucar, levando-se finalmente, ao fogo até tomar ponto.

O feijão de leite pode ser servido com qualquer espécie de peixe.

MOQUÉCA DE PEIXE FRESCO — Serve esta comida para Yemanjá, Oxún ou Iansan. Limpa-se o peixe, escama-se, lavando-o com bastante limão e água, depositando-se as postas em frigideiras. Prepara-se depois o môlho, composto de sal, pimenta malaguêta, coentro, limão (de preferência o vinagre), tomate e cebola, derramado sôbre o peixe depois de tudo moído.

Antes de levar a frigideira ao fogo para cozer o peixe, deita-se o azeite de oliveira ou o azeite de cheiro, conforme o paladar, observando-se a preferência por ambos os óleos.

CASSUANGA — O fubá de milho barrufado com água e sal, era levado ao fogo para ser torrado, sendo servido com leite e açucar. Pode-se fazer de outro modo: Põe-se o fubá, amendoim e açucar, juntamente, para torrar, pisando-se depois no pilão, fazendo-se daí suculenta passóca, hoje usada no comércio, mas sem o primitivo gosto. Esta iguaria era muito usada pelos Congos no alimento dos seus filhos, que sempre foram robustos, servindo também para as amas de leite, dando-lhes bastante leite.

Estas comidas tinham grande valor nutritivo e esplêndido sabor, deixando os africanos, na Bahia, quitutes hoje mundial-

mente conhecidos, vendo-se também que no Rio de Janeiro, dentro do Culto do Omolocó, as suas "iabás" preparam estas comidas em épocas de grandes festas, o que é raro.

BEBIDAS DE SANTO

Para acompanhar as iguarias, falaremos das bebidas de santo, que foram com o tempo substituídas por outras que contém uma fermentação quase idêntica às usadas no Culto, embora com outro sabor, mas havendo semelhança; os Orixás aceitam estas bebidas. como Ogún aceita a cerveja branca; já a preta é para Xangô.

ALUÁ — Faz-se esta bebida de diversas maneiras, consoante o santo que irá bebê-la.

Para Oxún, faz-se com fubá de arroz; para Ogún, é milho branco: e para Xangô, o milho é torrado, dando uma côr escura com gingibre.

O milho fica nágua, dando em três dias, a esta, um sabôr acre, de azedume, pela fermentação. Côa-se a água, colocam-se pedaços de rapadura e, diluida esta, tem-se saborosa bebida e refrigerante.

Por êste processo, prepara-se o *aluá* ou *aruá* da casca do abacaxí, para ser distribuido aos assistentes.

GRONGA — É uma bebida feita de raízes e gingibre, para a confraternização dos "malungos" (migos), oferecida com saudação do ritual.

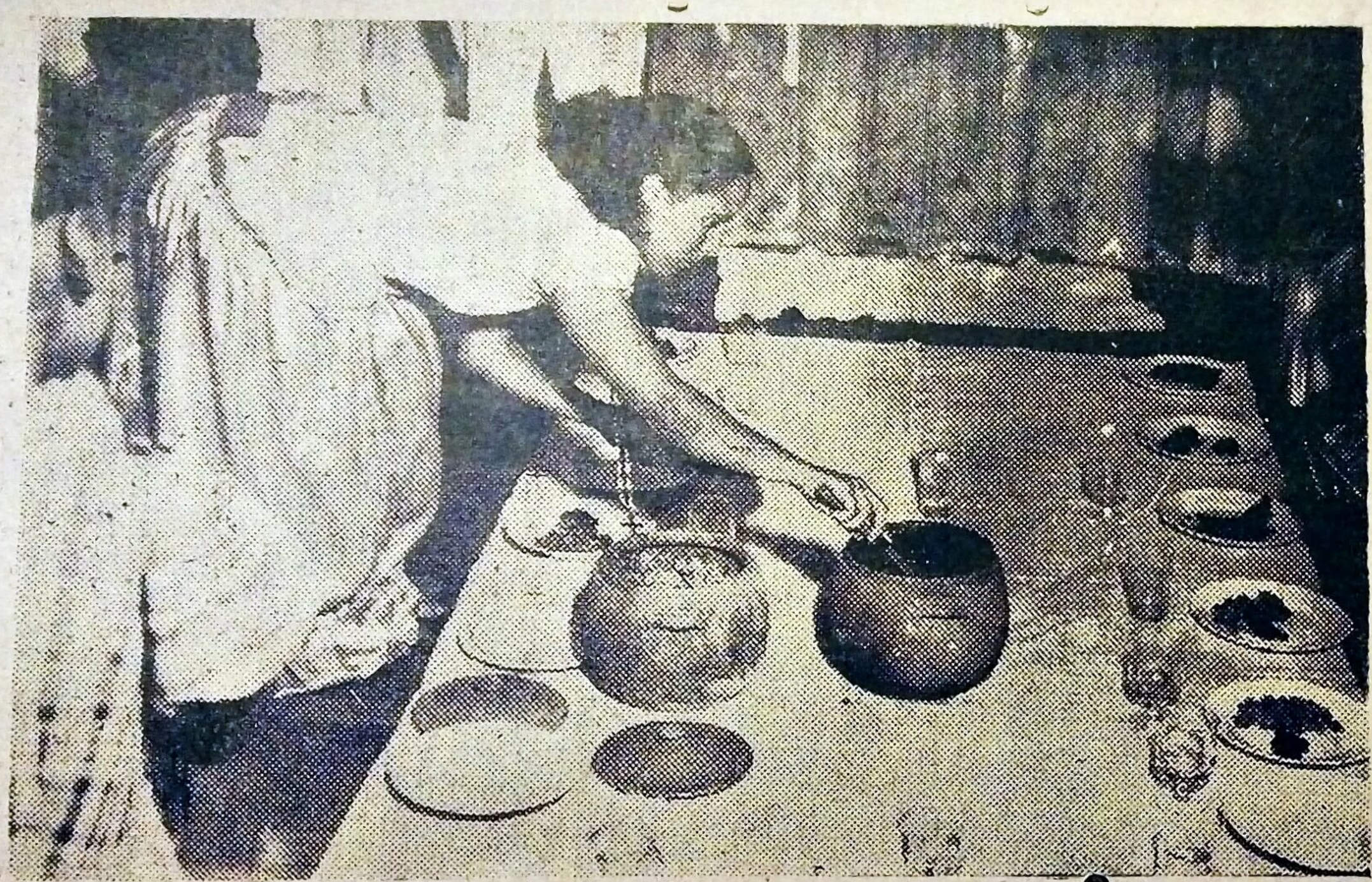
Esta bebida é muito usada na Linha das Almas.

BEBIDA DE OXÓSSI — Do côco de dendê, extrai-se a seiva por meio de bambús, introduzidos no tronco da árvore, na incisão feita, passando depois à fermentação, para ter potência alcóolica, infiltrada antes de engarrafada, ficando muito gostosa; é oferecida a Oxóssi em "cuité" com mel de abelhas, em fôlha de Saião ou de laranja.

Hoje esta bebida foi substituída pelo "otí" (parati), que tem o mesmo efeito alcóolico.

6. A LAVAGEM DAS GUIAS DOS ORIXÁS

As guias constituem a hierarquia sacerdotal da Umbanda. As côres das guias variam, conforme a nação. No Omolocô, porém, essas côres são as seguintes: "Oxalá' — branco leitoso; "Xangô" — encarnado e branco; "Ogún" — verde e encarnado; "Oxôssi" — verde e branco; "Omolú" — preto e amarelo. "Yan-



Arreamento das comidas do Terreiro. "Mãe Guio mar" dando início à sua cerimônia tocando a adejá para o pessoal comer. Não se ri e nem se pode morder os ossos. a fim de serem compostos nos seus lugares

san" — amarelo e verde; "Oxún" — azul e branco; "Nanã — róxo claro e branco; "Oxún-maré" — azul e branco "Obá" — encarnado coral; "Ossãe" — verde fino; "Irôco" — verde grosso; "Beiji" — azul e rosa; "Exú e Pomba Gira" — preto, preto fino com uma conta encarnada.

Cerimônia importante é a lavagem das guias dos orixás. Assim como na fabricação da pemba, feita em Lagos, na África, assim também na lavagem das guias tomam parte 7 moças virgens.

Observa-se grande preceito quanto às guias. Não podem ser tocadas por quem esteja de corpo sujo de relações sexuais ou menstruada. São usadas nas grandes cerimônias. do ritual.

Anualmente, procede-se à lavagem das guias, com o seguinte cerimonial: — no dia apropriado, o pegi-gan, ou o cambono colofé, vai à mata buscar as ervas para o "amací" marcando-se então a data da cerimônia. Nêsse dia, reunem-se os filhos e das filhas do terreiro, com suas vestes de côr branca. No pegí, coloca-se uma bacia ou alguidar virgem, debaixo de um "alá" de Oxalá, iluminado por velas de cêra. Nenhum estranho ao terreiro é admitido no recinto. Todos ficam em redor do alguidar. As 7 moças virgens começam então a "quinar" (triturar) as ervas, ao som das palmas e dos pontos cantados próprios.

Depois, cada filho do terreiro entrega sua guia, para ser lavada, dentro do alguidar. Após o "amací", são retiradas do alguidar e guardadas no pegí, em local reservado.

O resíduo do "amací" é despachado em água corrente ou no mar. quando a maré vasa, levando o que as guias atrairam. No dia marcado, realiza-se a entrega das guias, feita pelo babalaô ou pela ialorixá, após serem defumadas, com o defumador de cada orixá, dono da guia.

A cerimônia é muito interessante, e o seu fundamento é livrar as guias das influências malignas que receberam no decorrer do ano.

7. JÔGO DOS BÚZIOS OU DELOGÚN

O jôgo dos búzios, é uma das armas do babalaô, um dos instrumentos do seu poder. Quando o iniciado se acha pronto já conhece bem as mirongas do "delogún", recebe a "mão" de búzio".

O aprendiz começa com 4, 8, 16 ou 24 búzios, devendo ter muita paciência, porque o ensino é lento. Após longo treinamento, pode jogar até de olhos vendados, decifrando a resposta do orixá conforme a posição em que cair o búzio.

Os búzios recebem o "amací", sendo feita a obrigação de lavagem completa. Sòmente assim os búzios são consagrados e guardados cuidadosamente dentro do pegí. Quem está de corpo "sujo" não pode tocar nos búzios, para não afastar a sua influência benéfica.

Sòmente a pessôa que recebe o aché do orixá, isto é, quem é iniciado na seita, é que tem fôrça para chamar os orixás e interpretar o resultado do delogún.

Quando o jôgo dos búzios é realizado a pedido de alguém estranho à seita, forra-se a mesa com uma toalha limpa, sôbre a qual se coloca um copo com água e uma vela acesa. O delogún tem seus preceitos. Às vezes, risca-se na toalha o ponto do anjo-da-guarda do sacerdote, ou do consultante ou do orixá que se quer consultar. Quando o orixá não está presente ao jôgo, nada será revelado. Do mesmo modo, se a Natureza não ajuda. Nêsse caso, nada adiantará insistir.

Hoje em dia os embusteiros prolíferam.

Certa pessôa resolveu consultar uma dessas curiosas que iludem os incautos. A mulherzinha não conhecia colsa alguma, porém era um médium intuitivo e ia falando o que lhe dava na telha. E assim, a vinte cruzeiros cada consulta, no fim do dia a féria está garantida...

8. OS QUIMBANDEIROS PREPARAM ZOMBIS

Já dissemos. em outra reportagem, que a palavra *quimbanda* é de orígem lunda, angolense. Quimbanda é o feiticeiro-curandeiro. *Ganga* quer dizer "chefe de terreiro". Assim todo quimbanda é ganga, mas nem todo ganga é quimbanda.

Nas seitas afro-brasileiras, aprende-se a fazer o bem e a conhecer o mal. O espírito adiantado só deve fazer o bem, mas tem o direito de se defender do mal.

Todos desempenham a missão terrena que lhes compete.. Quem pode compreender os desígnios da Divina Providência? Vamos narrar aqui, descrito por um escritor lusitano, a propósito dos *zombis* observados na América Central, o "processo" usado pelo quimbandeiro: "No Haiti fala-se muito de *zombis*, indivíduos que comem, bebem. dormem. trabalham, mas que não têm vontade própria, nem memória, nos quais, portanto, se conserva íntegro o animal, tendo desaparecido a personalidade. Afirmam que há negros *zombis* nas plantações, preparados por acôrdo entre o dono da propriedade e o feiticeiro. Êste arranja meio de fazer ingerir ao homem escolhido certa droga,

por exemplo, um copo de aguardente. O resultado é uma doença que se vai agravando pouco a pouco até terminar num estado letárgico que se confunde com a morte. Na noite seguinte ao funeral o feiticeiro e o plantador desenterram o suposto cadáver e transportam-no para a plantação onde êle acordará do seu sono, mas no estado de *zombi*". É um *morto-vivo*.

Tratando ainda dos processos para aniquilar a vontade, Ferreira de Mira se refere à servidão de um homem para com uma mulher, que não dispõe de dotes especiais de atração, e da qual se diz: "Não sei o que ela lhe deu a beber". Isto corresponde — continúa o escritor lusitano — à afirmação de que certas substâncias — freqüentemente emanações da pessôa que atrái — são capazes de determinar um estado contínuo de submissão na pessôa que as ingeriu.

Lembramo-nos, a êsse respeito, do que acontecia com os imigrantes lusitanos. Em Portugal, os amigos aconselhavam: "Vai, Manuel, e arranja uma crioulinha para trabalhar para você". Aqui chegando, o Manuel, de fato, conseguia uma crioulinha, mas dentro de pouco tempo começavam a nascer os filhos, e o português é quem acabava trabalhando no pesado... Daí proveio a nossa mestiçagem, felizmente para o Brasil, pois a nossa terra é o país da democracia racial.

9. OBRIGAÇÕES NO MAR E NA CACHOEIRA

Nos terreiros de Guiné e Loanda, o candidato à iniciação se apresenta na véspera do dia marcado ao corpo das autoridades do culto; depois de declarar se está em condições, faz-se o jôgo dos búzios (ou dos dendês); obtida resposta favorável, reunem-se o "mestre de preceito" (ou babalaô, chefe do terreiro), e "mestre de cerimônia" correspondente, em angola, ao ogan colofé) e a "akêkêrê" (mãe pequena); chamam o "feitor" (coriogan), ao qual é entregue o candidato, sendo o feitor auxiliado por um ajudante. Dá-se ao feitor, para compra, a lista dos aviamentos do preceito, que compreende: obi e orobô, acassá, pimenta da Costa, sabão da Costa, pombos, galarotes e galinha de Guiné, alguidares, fitas, perfumes, macaia (ervas). etc...

O noviço recebe o "bastão de Guiné", denominado "manguara guialê". Êsse bastão constitui um patuá ou talismã para os casos de doença grave, dificuldades, viagens perigosas, guerras; representa as fôrças de Guiné, mas não serve de arma de

ataque (*). As vestes do ritual da iniciação ficam em casa do mestre de preceito, só podendo sair para a companhia do iniciado mediante licença do mestre e se o iniciado residir em casa própria onde haja um lugar adequado, ou pegi. O transporte é realizado com festejos típicos.

Todavia, antes da manifestacão, ou prova de mediunidade do candidato, não se faz preceito algum. Pode acontecer, durante qualquer festa, que algum visitante, surpreendido pela emoção ou comoção ou pelo entusiásmo, cáia em transe. Nêsse caso, fica aos cuidados do mestre de preceito, sendo essa manifestação inesperada recebida como um presente divino.

O aspirante à iniciação é levado ao mar, em dia pré-fixado, para agradecer à natureza a graça concedida. Igual cerimônia se cumpre na cachoeira. De volta, acende-se uma grande fogueira, em tôrno da qual dançam e jogam bilhetes contendo pedidos, agradecimentos, etc., para o orixá do fogo destruir os males. No dia seguinte, as cinzas da fogueira são lançadas na água corrente, com pão e carne fresca. para que o vento não contamine aquelas cinzas sagradas.

Todos os membros do terreiro são obrigados a, uma vez por ano, visitarem o mar e a cachoeira, terminando a excursão com a dança da fogueira, em homenagem a Exú. Assim, os crentes ganharão fôrça e descarregarão os malefícios. Essa obrigação é geral para todos.

10. ANTIGOS COSTUMES AFRO-BRASILEIROS

Os cientistas, especializados no ramo da Etnologia e da Antropologia, só recentemente estão se interessando pelas pesquisas referentes aos costumes dos descendentes africanos no Brasil. É que o preconceito racial, naquela época era muito intenso, considerando-se a raça negra como "inferior", o que, entretanto, não tem a menor base histórica.

Assim. não há quase dados. O que escrevemos nesta série de reportagens não se encontra em livro algum, mas nos foi transmitido pouco a pouco, de viva voz. ao pé do ouvido. Mesmo assim, só podemos publicar o que não é proibido revelar, tais as mirongas de nossa seita, tão antiga quanto a humanidade.

(*) É universal o simbolismo do bastão. Assim, Moisés, com o seu cajado, fêz brotar água da rocha. As lendas das feiticeiras falam da varinha de condão. Atribuem ao bastão ou varinha virtudes mágicas.

É de notar que os africanos foram trazidos ao Brasil em estado de escravidão. Lá na África, possuiam seus reinos, seus impérios, suas nações, bem organizadas, na parte civil e na parte religiosa. Trazidos para cá em precárias condições, sem liberdade, maltratados, era natural que parecessem atrasados.

O leitor compreenderá melhor o que se passou naquêle tempo se imaginar o seguinte exemplo: suponhamos que um grupo de granfinos de Copacabana seja bruscamente transportado para o sertão mais bravio de nossa terra. Lá, não encontrará nem arranha-céus, nem elevadores, nem asfalto, nem cinemas ou boates, nem mercados regionais, nem a estonteante beleza de sua praia. Nos primeiros dias ou semanas, ficarão surpreendidos e indignados com a falta de conforto. Passada a primeira reação psicológica, e convencidos da impossibilidade da volta, irão se conformando, aceitando gradualmente o novo estado de coisas, abandonando os costumes, forçados pelo ambiente agreste, e de tal modo que ficarão irreconhecíveis para os seus antigos amigos. Até mesmo a sua linguagem sofrerá transformações.

Foi mais ou menos o que aconteceu com os africanos trazidos para o Brasil, nos navios negreiros, sob o ponto de vista psicológico. De homens livres, passaram a escravos. Nenhuma fórma da organização política ou social lhes era permitida. Só uma lei lhes era imposta: a vontade do seu dono, que dispunha do direito de vida e de morte, sôbre o escravo. Êsse direito ainda vigorava poucos anos antes de 13 de maio de 1888, porque conhecemos casos de escravas, que, por ciúmes da senhora baronesa, foram "queimadas vivas" !

Nessas condições precárias, os africanos eram considerados sub-homens, raça "inferior", atrasada, fóra da humanidade. Príncipes e grão-sacerdotes africanos sofreram humilhações afrontosas, mas nunca perderam a dignidade de sua alta hierarquia.

Mas, como em todo agrupamento humano, a raça negra no Brasil teve seus líderes, seus condutores, que protejeram e realizaram a República dos Palmares e os "quilombos".

Em cada "quilombo", havia a "muzumba", ou palácio do govêrno local, cercado de profundos fossos, cujo leito era crivado de agudíssimas pontas de taboca. Na construção não se usava pregos e a madeira era tirada na Lua Nova, assim como o cipó. As paredes eram feitas de pau-pique e amarradas com cipó. O piso era de barro vermelho socado com cinza, o que formava um acimentado perfeito. O sapê, para cobertura da casa, era

tirado na Lua Nova. Para evitar os mosquitos, usavam o fogareiro ou o tição com defumador de escremento de boi. A porta era de tranca. A cacimba (fonte) fornecia a água potável necessária.

Quando se apresentava algum escravo fugitivo, procediam à sua identificação, conforme a nação (ou "banda") de origem, e, sendo favorável o exame. indicavam-lhe uma das casas do "mocambo", para seu alojamento. É por êsse motivo que, num mesmo "quilombo", se encontravam elementos de várias nações africanas.

As plantas curativas eram apanhadas de madrugada, por ocasião da Lua Cheia, em local não transitado, não servindo as que estivessem na beira do caminho.

Os africanos sabiam que a Natureza de vez em quando lança doenças e pestes, e tratavam de se defender, usando as ervas medicinais e despachando pipoca para Omolú, o orixá das moléstias. Sabiam também que à noite rondam os maus espíritos e de dia os bons. Sabiam ainda que as doenças atacam mais à noite o organismo humano.

Os costumes afro-brasileiros estão hoje diluidos na coletividade brasileira, graças à assimilação racial operada. Mas em certos lugares do interior, ainda se pode observar a reminiscência de tais costumes. Quando houver oportunidade, faremos uma reportagem especial sôbre a contribuição africana aos costumes do povo brasileiro. Por enquanto, cheios de respeito pela raça negra, diremos apenas a nossa saudação:

Muzambê Mungongo di Umbanda!

* * *

Algumas pessôas perguntam às vezes: — "Para que serve a Umbanda? Ando nisto há muito tempo e não cheguei a conclusão alguma".

É que é dificil ser umbandista sem ter vocação. É necessário que o indivíduo seja dotado de muita paciência, muita fôrça de vontade e de muita fé. A Umbanda tem um fundamento muito grande, sempre oculto a olhos profanos. Não é qualquer pessôa que pode assistir às cerimônias de maior significado religioso. Pode um indivíduo frequentar terreiros a vida inteira, e nada aprender, enquanto outros, em pouco tempo. ficam aptos a compreender as *mirongas* da seita.

Os iniciados antigos eram educados desde criança. Sabiam que a Umbanda serve para aprender a enfrentar a luta pela

A cóta ou ekète, com seu adié, depenando a galinha, a fim de entrar na preparação de Iabá. A galinha é cortada pelas juntas, a fim de ser preparada e servir aos fiéis

vida. Sabiam que a Umbanda serve para suavisar o sofrimento nêste planeta de provação. Submetidos ao regime da escravidão, os umbandistas não tinham proteção alguma e eram considerados animais. Os seus médicos eram das nossas selvas, de

onde preparavam seus remédios. Os seus guias, como ainda hoje, eram os Orixás e Bacuros e os seus santos eram os *otás*, que trouxeram da África. Os escravos corrigiam os defeitos de seus filhos desde cêdo, desenvolviam a sua inteligência na Escola da Vida e lhes mostravam a lei do equilíbrio do Bem e do Mal; ensinavam-lhes que, se seguissem o caminho do Bem, acabariam bem e se seguissem o caminho do Mal acabariam mal; ensinavam-lhes também que deviam conhecer a sua missão, deviam não ter ambição alguma, porém esperar, que os Orixás lhes dariam o que merecessem.

O sacrifício dos umbandistas naquela época se transformou em vitória em nossos dias, pois a Umbanda é uma religião organizada, com sua doutrina, seu ritual e seu corpo sacerdotal. Dia a dia a Umbanda se estende a todo o povo, sob a direção dos filhos, netos e bisnetos dos antigos umbandistas, aqueles que sofreram nos troncos e nas fogueiras, mas souberam conservar a tradição de seu culto, com ajuda dos Orixás e Bacuros. A Umbanda cresce no Brasil, não para suplantar as outras religiões, mas porque é chegado o tempo da vitória do espiritualismo sôbre o materialismo ateu. A Umbanda cresce para reforçar as fileiras dos filhos de Deus, para purificar o ambiente espiritual, perturbado por uma inquietante degradação de costumes, que outras religiões, preocupadas talvez com assuntos mundanos, não souberam evitar.

Há intrusos e improvisadores em nossa seita; êsses podem ser reabilitados. Os mistificadores, os *sibarré* que querem transformar os terreiros africanos em centros de invocação de mortos, contrariando as nossas mais puras tradições, êsses devem ser desmascarados, porque trazem o signo do Mal escondido em suas palavras suaves e em seus abraços de tamanduá. Madruga no assunto, *malungo afôfô !*

Ninguém é sacerdote de Umbanda por conta própria, sem passar pelas provas de iniciação que o ritual exige. Se um chefe de terreiro ainda não foi iniciado, que se prepare para a cerimônia máxima. Uns progridem mais rapidamente do que outros, porém todos devem comparecer à sala de Nãnã. A Umbanda tem mironga...

11. COSTUMES DOS BANGUÉLAS

Conforme se sabe, o totemismo é a crença no totém, que é o animal considerado como o progenitor da tribo. Êsse totém é o antepassado dos fundadores da tribo, de modo que todos os

membros da comunidade se consideram parentes entre si, em conseqüência da afinidade totêmica.

São escolhidos como tótem animais como o lobo, o leão, a águia, o corvo, o boi, etc.

Com o decorrer do tempo, o totemismo, que é inicialmente de fundo religioso, vai se transformando em festa pagã ou civil. O fenômeno ocorreu, por exemplo, entre os elementos das nações africanas trazidos para o Brasil, nos navios negreiros. É assim que o folclore nacional se enriqueceu com numerosas festas e costumes populares.

O totemismo do boi é um dos mais notáveis. Dêsse animal, nada se perde, tudo se aproveita. Os povos agrícolas, especialmente, sabem que o boi é um presente do céu, tais os serviços que presta, vivo ou morto. As festas relativas ao boi se realizam em quase todo o Brasil, de norte a sul. Ao norte, temos o Bumba-meu-boi, com seu ritual característico, sua indumentária colorida, seus cantos próprios.

Onde, porém, o toteismo do boi assume aspectos mais interessantes é entre os Banguélas, em Minas Gerais. Os antigos escravos de Minas Gerais, alforriados, construiram igrejas, fundaram irmandades, tornaram-se, alguns, senhores de engenho.

Aliás, aqui mesmo no Rio de Janeiro, havia irmandades que adotavam os costumes banguélas, irmandades do Divino Espírito Santo, e outras diversas. Tais irmandades distribuiam, por ocasião da Festa do Divino, dois quilos de carne a pessôas necessitadas.

Excelentes agricultores e criadores, os Banguélas realizavam festas propociatórias de nova plantação, quando terminavam as colheitas. O ano banguéla tinha início entre julho e agôsto. Um dos criadores oferecia um boi para a Festa do Divino. Em várias localidades, na época das colheitas, elegia-se o Rei e a Rainha do Congo, com ladainhas de 7 dias e festança grossa, comidas e bebidas.

Em outras localidades, efetuava-se a Festa do Ongombe. Um criador escolhia e tratava com carinho um boi pintadinho ou preto e branco. Era o "muenohambo". Outro boi, "Gerôa", acompanhado pelo boi "Xicaca" e pela vitela "tembo-onjuo", encabeçava um longo cortejo que se dirigia à residência do Hamba, distante 7 léguas. Donzelas ornamentadas com grandes fiadas de bagos de várias sementes e homens de cara pintada tomavam parte no cortejo. Chegados à residência do Hamba, o ganga ou "makota" aproximava da bôca do Boi Gerôoa o pó de uma casca de árvore (o bungarulo) bastante amar-

go. Se o Boi Gerôa lambia o pó, significava um bom agouro e a perspectiva de ótimas colheitas; então o mueno-hambo recebia agrados de todos. Em caso contrário, o mueno-hambo era sacrificado, sendo a sua carne distribuida a todos. Vinham depois os discursos e as danças em homenagem ao Hamba e as suas mulheres. Essa festa era denominada "xiui". O crânio do Boi Gerôa era espetado no fundo da casa e o seu estrume servia de defumador. Instrumentos afro-brasileiros, como o "mangongue", a goma-puita, o candongueiro, etc., acompanhavam as cerimônias e as danças.

Em geral, os Bantus (Angola, Banguéla, Congo, Guiné, Loanda, etc.) tinham costumes interessantes, que ainda se conservam em muitas localidades brasileiras. Assim, os Banguélas queimavam o chifre de boi para espantar cobras e outros animais peçonhentos.

Essas nações se misturavam umas com as outras, e também com os ameríndios. No Estado do Rio, por exemplo, surgiram os "puris" que são o resultado do cruzamento do preto com o índio. Daí, a transformação de costumes, o desaparecimento de tradições, fenômeno que se observa em todo o Brasil.

12. MACUMBA É UM INSTRUMENTO

Os "filhos de santo" têm suas guias (colares), a faca, os búzios, enfim, os apetrechos do culto. Cada guia que possui representa o seu grau na seita-cambono, ogan ou babalaô. Por tal circunstância, as guias têm uma significação muito grande, servindo de verdadeiro documento de identificação entre os filhos da fé.

Assim com o decorrer do tempo, e um esfôrço persistente, os iniciados vão conhecendo os segredos da Umbanda (mironga), preparando-se para receberem a confirmação dos seus iguais.

Não podemos, dêsse modo, compreender como há pessôas que, de um dia para outro, se improvisam em babalaôs, sem a passagem necessária pelos graus intermediários, e sem nada entenderem da doutrina e do ritual de Umbanda, traduzindo erroneamente os pontos cantados.

Constitui, então, perigosa leviandade alguém confiar nesses improvisados chefes de terreiro, arriscando-se a desencandear fôrças espirituais que não sabem controlar, pelo desconhecimento das chaves ocultas que sòmente são transmitidas oralmente, de geração a geração, há milhares e milhares de anos.

Nós mesmos, neste trabalho, "achamos prudente velar o que deve ser velado". A iniciação é feita por etapas, passo a passo. Se algum leitor possui vocação para êstes estudos, há de encontrar o caminho da sabedoria e da revelação da arte sagrada.

Ultimamente apareceram livros e artigos sôbre a Lei de Umbanda, uns de autores competentes, outros de pessôas que visam apenas interesses comerciais. Um deles, bem intencionado, chegou mesmo a afirmar em uma revista ilustrada que "Umbanda não é macumba". Ora, o que chamamos "macumba" é um instrumento, e, por extensão, uma festa religiosa de Angola, e, portanto, faz parte da Umbanda. Assim também, "candomblé" é uma festa em nagô; "cangerê" é uma festa na Linha das Almas; "catimbó" é uma festa em bantu.

13. CALUNGA DE ZÂMBI

Não é apenas nas matas e cachoeiras que se manifesta o fanatismo. Vemos também nos cemitérios farofas para Exú, velas e despachos nas portas e cruzeiros da mansão dos mortos.

Vamos agora tentar explicar a orígem dêsse fanatismo. Nos tempos do Império, os senhores fidalgos e as pessôas que deixavam grandes donativos para a Igreja eram sepultadas nos templos, católicos, ou em catacumbas nas paredes ou sob o piso, defronte do altar-mór. Os escravos e os pobres em geral eram sepultados fora das igrejas, na vala comum, em lugares reservados.

Em conseqüência do aparecimento de epidemias, como a febre amarela e o tifo, foram fundadas as Irmandades religiosas, que se encarregaram da organização e direção dos cemitérios, que nessa época não tinham carater secular, civil. No Rio. foram construidos o do Cajú e o de São João Batista, cujo primeiro hóspede foi uma menina

Os escravos denominavam o cemitério de "moedouro", pois de fato o cadáver é moído pela ação da terra e dos vermes. "Calunga maior" era o mar, "Calunga de Zâmbi" era o cemitério. Como o sepúlcro de Jesús Cristo fôra cavado na terra, em sepultura rasa, quando falecia um escravo e o enterravam no cemitério, diziam que êle havia ido para "Calunga de Zâmbi". isto é, para a sepultura de Deus. Se o indivíduo morria afogado, diziam que fôra para a "Calunga maior", o mar.

Omolú, ou Obaluaê, é o espírito da Natureza que vela pelos "egúns", ou espíritos desencarnados, representando a Morte.

Davam às sepulturas em conjunto. ou cemitério, a denominação "canzó de Omolú", onde faziam obrigações para êsse grande orixá. Quando adoecia algum escravo, atacado pelo mal de Omolú, faziam obrigação no cemitério, distribuindo pipocas. Realizavam também a cerimônia da "troca de cabeça", que consiste na troca simbólica de cabeça entre o doente e um animal de quatro pés, morrendo o animal para a cura do doente. O pedido formulado a Omolú deve ser feito ao contrário, para dar certo. A sepultura tem o nome de "cafôfo". A palavra "morte" é "coendá", no Omolocô, e "ikú", no Nagô.

Quando um escravo "coendava", efetuava-se a cerimônia do "vúmbi" (Omolocô) ou "sirrun" (Nagô), que são as cerimônias dos mortos, realizando depois o "icikú", ou entêrro cantado:

"Onde está Fulano?
Coendou!
Foi prá Calunga de Zâmbi".

Os umbandistas, para reverenciarem os mortos, acendiam velas nas covas, mas, com a ocorrência de incêndios, foi construido o Cruzeiro das Almas, destinado à colocação de velas.

Tempos depois, começaram os quimbandeiros a invadir os cemitérios, onde apanhavam ossos de defuntos, para instrumentos do mal, e colocavam farofas nas portas. Hoje, nos fundos do cemitério do Cajú ainda se vê essa demonstração de fanatismo, o que não acontece nos cemitérios de São João Batista e do Catumbí, em virtude da constante vigilância.

A colocação de "ebó" de farofa em locais impróprios muito concorre para desmoralização da seita. Exú não mora na porta dos cemitérios, e Omolú tem seu muito poder, mas não dorme na entrada do cemitério. Os umbandistas não tratam dessas coisas, mas entregam aos Orixás a solução de seus pedidos, lavando assim as mãos de qualquer castigo.

14. "TROCA DE CABEÇA" NÃO É "TROCA DE ORIXÁ"

Quando a criatura humana nasce, êsse fato não sucede por acaso, porém resulta de uma cadeia de acontecimentos no tempo e no espaço.

O dia de seu nascimento é governado pela influência da Natureza. Cada dia da semana é consagrado a um ou mais orixás, na seguinte ordem:

DOMINGO — Naña, Beiji
2.ª-feira — Omolú, Iansan, Exú
3.ª-feira — Ogún, Oxún, Ossãe
4.ª-feira — Xangô, Obá, Bessen
5.ª-feira — Oxôssi, Irôco, Iodé
6.ª-feira — OXALÁ
SÁBADO — Yemanjá.

Ora, se um indivíduo veio ao mundo, em uma quarta-feira, governada por Xangô, é claro que não pode mudar de orixá.

Isso é evidente. Entretanto, em um livro recentíssimo, sôbre a Umbanda, encontramos a afirmação espantosa de que o homem, "neste mesmo planeta, poderá mudar de orixá". Pois bem, o autor, não satisfeito com tal assertiva, ainda escreve: "Procure falar com um Preto Velho dos bons tempos do Batuque e pergunte-lhe o que é "troca de cabeça".

Êsse autor não sabe o que é "troca de cabeça". Confunde "troca de cabeça" com "troca de orixá".

"Troca de cabeça" é a cerimônia efetuada para transferir a doença de um "filho de santo" para algum animal de quatro pés, desde que o orixá dê o seu consentimento, por meio do jôgo dos búzios. O doente recupera a saúde, enquanto o animal é sacrificado. A impressionante cerimônia da *troca de cabeça* é a seguinte: no quarto do enfêrmo acham-se o babalaô e seus auxiliares, com os trajes próprios do ritual. O animal é coberto por um pano preto, passando-se-lhe antes azeite de dendê (epô). Risca-se o ponto de Omolú, cumprindo-se os preceitos necessários. Tira-se a roupa do doente e canta-se os pontos do *vúmbi*. Depois da *muginga* de pipoca, passa-se azeite de dendê pelo corpo do doente.

Abre-se uma fenda em determinada árvore, nela se colocando a roupa e os cabelos do doente. Enquanto a árvore tiver vida, o doente estará seguro.

Agora, perguntamos: o que tem a "troca de cabeça" com a mudança de orixá? Ninguém pode mudar de anjo-da-guarda. O que pode acontecer é um chefe de terreiro incompetente não saber identificar o orixá do indivíduo. Mas êsse já é outro assunto...

15. OS "REIS DO CONGO"

Havia no Brasil Colônia a instituição dos *Reis do Congo*, eleitos pelos escravos. Êsses "reis", eleitos pelos seus patrícios,

rezavam a Nossa Senhora do Rosário, que é santa negra. Nas festas rituais dos Congos, reproduziram as danças africanas, nelas tomando parte escravos procedentes do outras regiões, todos dançando ao som dos instrumentos do seu culto.

Os governantes permitiam tais costumes, visando a conquistá-los pouco a pouco para a religião oficial, a religião católica. É que, segundo refere Koster, "os africanos importados de Angola são batizados em massa antes de sairem de sua terra, e, chegando ao Brasil, ensinam-lhes os dogmas religiosos e os deveres do culto que vão seguir. Trazem no peito o sinal da Coroa Real a fim de indicar que foram batizados e por êles pagos os direitos. Os escravos que se importam de outras regiões da África chegam ao Brasil sem ter sido batizados.

Essa política de consentir que os escravos praticassem alguns costumes africanos foi útil, porque daí resultou a conservação da muita variada e rica tradição religiosa africana. Além disso, os africanos possuiam os seus *contadores de histórias*, geralmente mulheres que andavam de engenho em engenho, de fazenda em fazenda, contando histórias das antigas nações da África. Distinguiam-se duas espécies de contadores: o *akpalô*, fazedor de *alô*, ou conto literário, e o *arokin*, que se encarregava de transmitir as crônicas do passado.

Mas o ponto forte dos africanos era exatamente a religião. É por êsse motivo que corre no sertão a seguinte quadrinha:

"Todo branco quer ser rico
Todo mulato é pimpão,
Todo negro é feiticeiro,
Todo caboclo é ladrão.

16. O ASSENTAMENTO DOS "OTÁS"

Nos cultos de Omolocô, Nagô e Cabinda, usa-se o "assentamento de "otá". No culto de Congo, o otá se denomina "abiteke". São bonecos feitos de argila, e que representam os "bacuros" com suas indumentárias dentro do culto.

Nos três primeiros cultos, o otá é construído com pedras-vivas, especialmente escolhidas para êsse fim, conforme o orixá. Depois de assentadas e consagradas, têm grande valor. A pedra de Xangô, por exemplo, embora sendo branca, fica encarnada embaciada, quando se aproxima a chuva, especialmente se relampeja. A pedra de Iansan, ou pedra de raio, é um granito preto, em fórma de machadinha, que em certas épocas se en-

COZINHA DE SANTO — A iabá e sua cóta preparando a comida dos orixás, de acôrdo com os preceitos de Omolocô

terra profundamente na terra. só vindo à superfície depois de 7 anos. A pedra de Oxún tem o nome de "ôlho dágua", colhida em fonte corrente. Temos ainda a pedra de Oxalá e as dos outros orixás, conforme o ritual.

Há uma pedra de grande valor magnético, pertencente a Ogún, denominada por uns "pedra de Sevá" e por outros pedra-imã, que se alimenta de timalhas de aço e ouro dando cria, muito pesada, recoberta de um limo arrepiado. A pedra de Sevá é raríssima, devendo quem a possuir cuidá-la bem, sob pena de desgostos e decepções.

Quem conhece os preceitos, sabe o alto valor magnético e monetário de um "roncó" ou "pegi" que tenha essas pedras e a dificuldade de conseguí-las, como acontece com a pedra de Yamanjá, branca e semelhante ao cristal, apanhada no mar, com sacrifício. Conhecemos em Lins de Vasconcelos um terreiro cujo assentamento se achava sob uma pedra, com seus "bateketes". Mas o seu possuidor, Benedito Carijá, se descuidou dos preceitos e se deu mal, perambulando hoje pelas ruas aquele que foi babalorixá. Na serra do Preto Fôrro, na Bôca do Mato, em Lins, aí pelo ano de 1921, nos terrenos que então foram doados, apareceram alguns pretos Cabindas e lá assentaram seus "otás" de pedras-vivas e seus bonecos "bateketes".

17. O PADÊ DE EXÚ

O sacrifício de animais de dois e quatro pernas está sujeito a um ritual muito severo. O encarregado do sacrifício de animais de quatro pés é o "oxogún", enquanto para os animais de dois pés é o seu auxiliar, o otô-oxogún". O trabalho é realizado depois da confirmação pelos iguais, depois de receber a ferramenta ("obé") do seu babalorixá, que assim lhe dá permissão para sacrificar animais. Quando o terreiro tem sua hierarquia completa, não podem faltar os "oxogúns", responsáveis pelos sacrifícios.

. O animal escolhido, de quatro ou dois pés (bode, boi, carneiro, galo, galinha, pombo, etc.) é morto de acôrdo com os preceitos da seita e as formalidades do ritual, do conhecimento dos verdadeiros babalaôs, ialorixás e outros maiorais dos terreiros.

Vejamos, por exemplo, o sacrifício de um bode, que em Nagô se denomina "olubé-oukô". Êsse animal deve gozar perfeita saúde e não ser portador de defeito físico. Se fôr oferecido a Exú, deverá ser todo preto. Para Pomba-Gira, o animal deverá ser uma cabra preta. Ao se adquirir um dêsses animais, não se pode regatear o preço exigido.

O animal, ao ser levado para o terreiro, terá de ser bem tratado, dando-se-lhe especialmente água fresca. A matança deve ser feita em horas abertas, como a meia-noite, seis horas da manhã ou seis horas da tarde, depois de bem lavado o animal por uma "cóta" ou um "cambono colofé", nos dias apropriados a tais oferendas. No ato do sacrifício, o animal. ao receber o "eché", não poderá berrar, pois, se o fizer, ficará sem valor a oferta, não sendo aceito o sacrifício, transferindo-se a cerimônia para outro dia, com outro animal.

O "oxogún" tem sua indumentária própria e a ferramenta

(faca) para o sacrifício. Após à morte do animal, divide-se o mesmo em diversas partes, sem quebrar os ossos, e sim aproveitando as juntas. Uma parte cabe ao dono da oferenda, sendo a outra coberta com um pano branco ou encarnado e preto, trabalho êsse realizado por uma "cóta" designada pelo chefe do terreiro. Outra parte do animal é entregue à "iabá" (cozinheira do culto), para o preparo da comida, ou coreá. A mesma "cóta" recebe a comida preparada para servir aos presentes, juntamente com o "miami-miami" (farofa com azeite de dendê, muita pimenta, etc.). O ritual da comida de santo já foi descrito por nós em reportagem anterior, publicada em O DIA.

O mesmo cerimonial é usado no sacrifício de animal de dois pés, feito pelo "otô-oxogún". Na matança do pombo, entretanto, não se usa o obé, porem se adota o estrangulamento. Tôdas essas cerimônias são acompanhadas de pontos cantados próprios, inclusivé a entrega do trabalho à entidade a quem se fêz a oferenda. Depois da confirmação pelos búzios, o babalaô entregara ao cambono colofé a parte que ficará no assentamento da entidade, durante os dias indicados pelo orixá.

O sacrifício de um boi, que é denominado, em nagô, "malú", e em omolocô, "ongombe", constitui uma grande cerimônia, tocando os tambores durante 16 dias e noites. com a presença de grande número de adeptos. Procedida a matança, tira-se do boi diversas partes, entregues a vários orixás. Assim, a iabá tem de preparar várias comidas, para cada guia, reservando uma parte para ser colocada no assentamento, dentro do terreiro.

Êste ritual está desaparecendo, perdendo-se assim uma tradição rica e bela. e uma festa onde costumava baixar grandes Orixás, que prestavam caridade aos necessitados. A cerimônia era patrocinada por um adepto agradecido ao favor recebido, ou quando da confirmação do um babalaô ou ogân. Responsáveis pela perda das tradições são certos dirigentes de terreiros, que não procuram conhecer bem a doutrina e fogem aos preceitos do culto, sendo muitas vezes severamente castigados.

Eis, agora, o depoimento pessoal de Tancredo da Silva Pinto: "Fui criado dentro da gira do santê. Na infância e na adolescência, não me interessei em cumprir a missão que me estava reservada. Sòmente depois de adulto adquiri consciência sacerdotal, em respeito aos ensinamentos e ao grau recebidos. Andei, na infância, de léu em léu, até que cheguei a estafeta dos Telégrafos. Frequentava e me abrigava nos terreiros. onde sempre fui aproveitado para tocar tambor, carregar ebó e outros serviços semelhantes.

Em meu longo aprendizado, conheci e desmascarei numerosas mistificações. Iniciado no Omolocô, guardei sempre respeito aos Orixas, cumprindo a missão que me foi destinada. o que farei até que me seja determinado por Oxalá, o que deva proceder. Aprendi vários rituais afro-brasileiros, pela permanente frequência em verdadeiros e legítimos terreiros, hoje, infelizmente, desvirtuados pela falta de conhecimentos de seus dirigentes. Resta pouco daquilo que se via nos terreiros antigos, das grandes obrigações e cerimônias. Nesse tempo, as autoridades faziam confusão entre quimbandeiros, curandeiros e umbandistas. Êstes eram obrigados a proteger o terreiro contra os males visíveis e invisíveis, para evitar a desmoralização do "pai de santo". Hoje, entretanto, a doutrina de Umbanda vai sendo difundida e a autoridade já sabe distinguir o umbandismo da magia negra. Atualmente, não possuo terreiro, só me interessando em dar cumprimento à missão recebida do nosso grande Xangô-Acajú, orixá da meia-noite. Juntamente com um grupo de umbandistas decididos, que comigo trabalham com abnegação e carinho, em pról da nossa seita, quero testemunhar ao vitorioso matutino O DIA os nossos agradecimentos pela boa acolhida, aproveitando o ensejo para declarar que a Confederação Espírita Umbandista jamais acentará intromissões estranhas, velando os baluartes do culto umbandista pela tradição afro-brasileira, com o pensamento em nossa querida Pátria, êste poderoso Brasil. E por último advertimos aos navegantes da aventura que a nossa banda tem mironga...

18. AS PROVAS DOS OVINDANDAS

Nas tribos africanas dos Lundas e Quiocos, os meninos se submetem ao ritual da circuncisão, denominado "mucanda-cangongo", conforme já descrevemos. Passados 10 dias da operação, começa a aprendizagem do "ovindanda" (circuncidado) na Escola da Vida, a fim de aprender os mistérios da Terra.

É então que se inicia a educação física e moral do "ovindanda". Vamos resumir, seguindo o escritor lusitano Castro Soromenho, as provas e exercícios que os "ovindandas" têm de executar.

O primeiro ensino consiste em "exercícios de azagaia e caça". Colocados em linha de atiradores, os meninos disparam suas flexas em uma cabaça atirada pelo instrutor. Depois de bem treinados no uso da azagaia, recebem uma corda cheia de

Oxún, a mãe de Dona Guiomar recebe adobá de uma filha que bate cabeça e essa a consagra

nós, e cada nó corresponde a uma peça de caça que devem abater. Dirigem-se entao, para a floresta, mas não podem matar lebres, que são animais sagrados para muitas tribos.

A "prova de paciencia" é o segundo ensinamento. O "quimbanda" entrega aos "ovindandas" fôlhas, a fim de que tirem o seu revestimento, sem ofender os filamentos capilares. É o mesmo que descascar batatas para um batalhão de soldados. Êsse exercício é demorado, porém acostuma o rapaz a ter muita paciência pelo resto da vida.

Vêm depois os "exercicios de agilidade", que realizam correndo entre duas alas de instrutores providos de chibatas. Aprendem, assim, a executar qualquer trabalho com muita rapidez. Diz o quimbanda: "o futuro é do homem que caminha mais depressa".

A prova mais arriscada é a de "coragem e esperteza". Em uma noite escura, o instrutor ordena aos rapazes que sigam para a floresta e lhe tragam uma cobra. Castro Soromenho assim descreve essa prova: "Logo que os "ovindandas" abandonam a clareira, o instrutor dispara para o alto uma flexa, de maneira a ultrapassar as árvores que cercam a "bamba" (bamba é o local cercado onde dormem os "ovindandas") e se perca no mato. Esta flexa representa a cobra que êles têm de procurar. Amedrontados pela noite da floresta, e pelos rumores que dela vêm, os rapazes agrupam-se e dão tratos à imaginação para conseguirem descobrir a cobra. Depois de longos minutos de reflexão os mais afoitos, para não perderem à noite na floresta, põem-se à procura da cobra. E, passo a passo, vão batendo o mato até que perdem o mêdo à noite e à floresta. Se encontram a flexa e desconfiam de que se trata da cobra, são recebidos de regresso à "bamba" com gritos vitoriosos. Mas se vêm com as mãos vazias, são mais uma vez chicoteados, o que vulgarmente sucede após êste exercício". O objetivo desta prova é mostrar ao rapaz que ninguém deve perder o seu tempo andando de mãos vazias, ao voltar de alguma tarefa.

A prova seguinte é a de "amizade". Colocados lado a lado em fila, cada "ovindanda" segura com fôrça a orelha do companheiro e a estica o mais possivel. Os "ovindandas" estabelecem uma corrente, ou pacto de amizade, confirmado pelo puxão de orelha. Significa uma amizade limpa, feita num momento de sofrimento.

O "exercicio de pesca", com pequenos cestos ou "muchos", é efetuado no rio. durante horas. Os rapazes aprendem a olhar bem para as águas, quietas das margens e a redobrarem de vi-

gilância se há canaviais perto, pois os jacarés preferem êsses lugares.

A prova de "decisão' é outra etapa da aprendizagem. De surprêsa, altas horas da noite, o instrutor e seus ajudantes levam os "ovindandas" para a floresta e os abandonam. Os rapazes. desorientados, começam a procurar o caminho de saída, quando, de súbito, lhes aparece um "muquixe", que simboliza qualquer espírito que vela pela mucanda-cangongo. O rapaz que se deixar agarrar pelo muquixe fica enfeitiçado e, assim, deve tomar rápida decisão para fugir a tempo.

A prática de "purificação" é uma prova de muita significação filosófica. Durante as provas e exercícios, os "ovindandas" não podem tomar banho, e, por tal motivo, ficam muito sujos. Pois bem, certa noite, o instrutor obriga-os a dormir sôbre cinzas espalhadas no chão das celas. Protestam, e são castigados, depois do que o instrutor lhes explica: "tudo quanto se reduz a cinza é porque atingiu o máximo da purificação". Nessa frase, há reminiscências de doutrinas indús e cristãs.

A prova de "independência" consiste em ensinar o "ovindanda" a viver com os recursos de sua iniciativa. Pela manhã cédo, às vezes, saem para a floresta e devem se alimentar com os frutos e a caça que conseguirem.

Finalmente, vem a prática de "gratidão". À noite, deitados nas celas os "ovindandas" fitando os "olhos de Deus", as estrêlas, entoam pontos cantados em louvor a "Zâmbi", o grande Deus, e aos espíritos da mucanda-cangongo. Aprendem, assim, a demonstrar gratidão pelos benefícios recebidos de Deus e dos espíritos superiores.

Se, durante tais provas e exercícios, o "ovindanda" adoece, o quimbanda examina-o cuidadosamente, pintando-lhe o corpo e o rosto com "pemba" branca. Se a doença é fingida, o rapaz é castigado, pois ninguém deve mentir à sua tribo. Aos estranhos, entretanto, é permitido mentir, quando atravessar terra alheia, porque, ensina o quimbanda:

Quexi muhuza quexi eu palica ou, em português: "quem não não mente não passa".

19. PATUÁ OU BENGUÊ

É universalmente reconhecido o poder dos talismans e amuletos que têm a função de trazer o bem e evitar o mal ao seu portador. Na Umbanda, dá-se-lhes os nomes de *patuá* ou *benguê*. Atribui-se-lhes uma fôrça invisível. Quem os usar, não pode

abandoná-los. Há *patuás* de diversas formas, sendo o mais usado o *breve* que tem ligação com certos espíritos da Natureza. Só tem valor depois de consagrado.

A princípio eram usados pelos escravos, que conheciam o seu poder, por viajantes e militares, enfim aquêles que se achavam em missão arriscada. Até mesmo desordeiros famosos não dispensavam o seu *patuá*. Lembramo-nos, por exemplo de "Moleque de Bronze", da Favela, sujeito perigoso, que não se sentia bem o dia em que não praticava uma ação má. Perseguido pela polícia, subia o morro em desabalada carreira, atirando e ferindo seus perseguidores, e de repente desaparecia misteriosamente, tornando-se invisível.

Outro tipo perigoso era o ladrão "Bôca de Fogo", da Ilha dos Velhacos", no fim da rua Garibaldi. Perseguido, embrenhava-se no mato daquêle morro. desaparecendo por encanto. Há também o caso do soldado Deodato, da antiga Companhia de Estabelecimento. O capote que usava era todo perfurado de balas, mas o seu corpo nunca era atingido, sempre ileso.

Contou-nos "Moleque de Bronze", que era filho de africano e conduzia sempre um *patuá*. No dia em que não praticava um desatino, cortava seu próprio corpo, a faca e navalha, explicando: "se não tirar sangue dos outros, tiro o meu mesmo". O preceito a que estava sujeito "Moleque de Bronze" era na primeira sexta-feira de cada mês. Semanas antes de sua morte, esqueceu-se de fazer o seu preceito. Nesse mês, mudou de gênio, tornou-se triste, declarando que morreria no mês vindouro. De fato, foi baleado em um conflito na Saúde, sendo levado para sua residência, onde agonizou três dias, até que alguém se lembrou de retirar do pescoço o seu *patuá*. Imediatamente, exalou o seu último suspiro.

O mesmo aconteceu com "Bôca de Fogo" e o soldado Deodato. .

Êsses *patuás* ou *benguês* têm ligação com falanges boas ou más. Com os *patuás*, os africanos antigos protegiam os fugitivos perseguidos, esclarecendo-os acêrca dos preceitos a que eram obrigados. Na Guerra do Paraguai, soldados semi-mortos, com o corpo coberto de bichos, pediam que retirassem os seus *patuás* do pescoço a fim de morrerem em paz. Não podiam morrer enquanto estivessem com o *patuá*.

O portador de *patuá* não deve abusar da proteção que conseguiu. O não cumprimento do preceito quebra o encanto. A obrigação a que estão sujeitos é acompanhada de palavras cabalísticas.

Há meios para uma pessôa se tornar invisível. Mas, vamos parar por aqui. Antes, citamos o caso de Otávio de Castro. de Friburgo. Recebera êle um *patuá* em uma sexta-feira santa, e que conduzia na perna esquerda, em fórma de pulseira de aço com medalha também de aço. Por descuido, esqueceu-se de cumprir os preceitos. Um dia, ao sair de um banho no Rio Banguela, deixou cair o *patuá,* sem se aperceber. Chegou em casa já indisposto e três dias depois morria, consternando seus colegas da Leopoldina.

20. OS FANÁTICOS DAS CACHOEIRAS

Vamos, agora, explanar a verdade sôbre as "obrigações" que os fanáticos realizam nas matas e cachoeiras.

Caravanas e mais caravanas de pessôas que se dizem umbandistas realizam excursões a matas e cachoeiras. Nesses grupos, notam-se os crentes sinceros e os aproveitadores ou curiosos. Corôa Grande, Xerém, Tijuca, são os pontos preferidos, além de praias de Niterói. Não pretendemos pôr em dúvida a fé que os anima, porém nessas caravanas há indivíduos de maus instintos, que só pensam em farras e namôro.

Recentemente, incógnitos, tomamos parte em uma dessas caravanas, a título de observação, sem aludir à nossa qualidade. Vimos elementos de tôdas as classes sociais e idades, homens, senhoras, mocinhas. A chefe do terreiro providenciou a compra de boa quantidade de bebidas e comidas, além de velas, charutos e outros materiais.

A babá era uma senhora vistosa, de boa aparência, cercada de meia dúzia de galanteadores. A viagem foi feita em caminhões. Logo à chegada ao local escolhido, as médiuns receberam imediatamente seus "velhos" e sairam gritando como loucas, atirando-se vestidas como estavam, na bacia da cachoeira. Foram imitadas pelas demais pessôas, do sexo feminino. A cena foi indescritível.

Mais atrás, outro grupo trepava pelas árvores. As velhas faziam meia-lua em tôrno da cachoeira, de velas na mão, rezando. Os galanteadores ficaram de fora, apreciando tudo especialmente quando as mulheres saíam de dentro dágua, com os vestidos colados ao corpo,, molhadinhas...

A caravana, embora chefiada só por uma chefe de terreiro, incluia outros centros, que se associaram para diminuir as despêsas. Assim, o local das obrigações estava cheio de gente. À saída da mata, motoristas de lotação aguardavam os carava-

neiros que tinham pressa de regressar e lhes cobravam cem cruzeiros, por cabeça.

Agora, os nossos comentários. Não condenamos as obrigações na cachoeira e na mata. Apenas, observamos que a Umbanda tem mironga e que tôdas as cerimônias do culto devem obedecer aos preceitos da seita. Cada pessôa tem seu anjo-da-guarda e seus protetores. Cada orixá deve ser reverenciado de acôrdo com o que a seita preceitúa. Nem todos os orixás recebem obrigações nas matas e nas cachoeiras. Como realizar pois, obrigações coletivas, dêsse modo, nas matas e cachoeiras?

O resultado inevitável é o seguinte: bronquites, pneumonias, picadas de cobra. Pronto Socorro,etc. No verão, as cobras passeiam à noite e pela madrugada; encontrando pernas humanas à disposição, procuram se divertir, picando-as. Por outro lado, jogando-se à água fria, pela madrugada, muitas pessôas se arriscam a apanhar pneumonia. Isso acontece aos que se metem a fazer obrigações que não lhes competem.

Será que todos êsses caravaneiros pertencem a Oxún? Não, evidentemente. Não passam de uns bobos, iludidos por chefes de terreiros incompetentes.

A falange de *Oxún* é muito grande. Cada Oxún domina uma parte da natureza. Assim, temos Oxún da cachoeira, Oxún da cacimba (ôlho dágua, fonte natural), do arco-iris, Oxún Epandá, etc. Oiá, por exemplo, mora nas nuvens e na embocadura do rio no mar.

Outro orixá feminino de grande poder é Yemanjá, a raínha do mar, enquanto Oxún é a raínha da água doce. Temos, na falange de Yemanjá: Iassabá, que domina sôbre as ondas do mar; Iorô é o espírito que está na praia; Yára passeia sôbre o mar e o rio.

Olokún é o orixá do mar, fazendo par com Janaína.

Ainda na falange do Oxún, temos Obá, rainha do rio; Oloxá, rainha do lago.

Para se dar um presente a um orixá, é necessário saber-se a que falange pertence. Na semana umbandista, sábado é consagrado a Yemanjá. Quanto a Oxún, o seu dia é terca-feira, mas no sábado podem ter feitas obrigações em sua intencão. Dois orixás da falange de Oxún têm o seu dia na quarta-feira: Obá e Oxún-marê. Oxún-marê tem também o nome nagô de Bessén, a serpente, o arco-iris. Vê-se, assim, como é variada e rica a falange de Oxún.

Percebe o leitor por que duvidamos da eficácia dessas obrigações coletivas, em matas e cachoeiras, a Oxún? Se nessas ca-

ravanas só tomassem parte filhos e filhas espirituais de Oxún, nada teríamos a objetar. Quanto a Yemanjá, é preciso que a praia seja limpa, pouco transitada. Fazer uma obrigação é um ato sério, e não um esporte ou uma brincadeira. Quem quer se divertir. procura uma casa de diversões e não uma casa religiosa.

No culto antigo, quando se fazia obrigações para *iaô* ou *ioboré*, tomava-se o banho pertencente ao orixá. Tomava-se o banho de cachoeira ou o banho de *macaia* (erva quinada-euê), para entrar na camarinha. O iniciado ia à cachoeira levar a oferenda de Oxún. Na volta, dava-se *omulucú* a Oxún. A água da cachoeira, conduzida na quartinha pelas cótas, servia para o *amací* da filha de Oxún. Se a "cabeça" era para Yemanjá, o iniciado ia tomar banho de mar, antes da entrada na camarinha.

Conclui-se, pois, que nem todos se dão bem com o banho de mar ou com o banho de cachoeira, conforme a quizilia de seu anjo da guarda. O que êsse pessoal vai fazer na cachoeira, sem nada ter com Oxún? Êles e elas não sabem o que estão fazendo, nem o chefe de terreiro se preocupa em lhes explicar, pelo menos superficialmente. a significação da cerimônia.

A obrigação para Oxôssi é na capoeira ou no mato fechado, num tôco de árvore. À água do tôco é apanhada para o competente *amací*, do filho de Oxôssi. Quanto à erva competente, deve ser apanhada de manhã, fresca, ou à noite, em local não transitado, pois a erva pisada não tem valor. Há preceitos nessa colheita da erva para amací, levando-se uma oferenda ao orixá. Não é qualquer erva que serve para fazer amací de qualquer erva e botá-lo na cabeça do iniciado. As ervas próprias de cada orixá têm poder mágico.

Ervas como o girassol os Cabindas aproveitam para a limpeza do assentamento dos *otás*.

Quase tôda Oxún ou Yemanjá carrega uma Pomba-Gira, sua empregada. Como se sabe, Exú é ó agente mágico para os homens, e Pomba-Gira para as mulheres.

Um conselho: quando alguém convidar o leitor para tomar parte em uma dessas caravanas de obrigação, pergunte primeiro para quem é a obrigação e em que consiste.

21. COSTUMES INDESEJÁVEIS

A Umbanda, nestes últimos tempos, tem desenvolvido bastante a sua influência, porém. necessita estar vigilante, a fim de manter suas tradições, ora ameaçadas de um retrocesso de-

sagradável, por parte de pessôas ainda não completamente esclarecidas sôbre as mirongas da seita.

Alguma culpa cabe aos pais, que não orientam os seus filhos com o devido cuidado, esquecidos de que êstes são os herdeiros da doutrina religiosa que receberam de seus antepassados.

Impossibilitados, outrora, da pregação de sua crença religiosa, os umbandistas adotaram os santos do catolicismo, como se fôssem seus orixás, com a mesma missão espiritual. Sòmente com êsse recurso, conseguiram a sobrevivência de seus ritos e preceitos.

Assim, por exemplo, no mês de outubro, os adeptos do Omolocô (Angola) assistiam, em romaria, à missa de Nossa Senhora da Penha. usando suas melhores roupas. Para êles Nossa Senhora da Penha seria *Oxún da Cobra Coral*. Lá, no santuário famoso, exclamavam em altas vozes: *Ojaréu, Mamãe Cinda da Cobra Coral*. Com essas palavras, faziam seus pedidos e, logo após, se retiravam do templo. No arraial, divertiam-se com seus piqueniques. Nos terreiros, realizavam as cerimônias do culto Omolocó para Oxún da Cobra Coral e todos coreavam (comiam).

Atualmente, não é fácil perceber-se o cerimonial da Cobra Coral.

Estamos cansados de ver, às portas dos cemitérios, ou nas encruzilhadas, *despachos* com farofa amarela. Isso provoca críticas dos incrédulos, críticas que têm muito fundamento, infelizmente.

Antigamente, os filhos de Umbanda se limitavam apenas a fazer obrigações nos terreiros, onde mantinham as "casinhas" destinadas à colocação das obrigações. Sòmente se colocava *ebó* nas encruzilhadas. isto é, coisas que não prestam.

Na Bahia, por exemplo, o costume é colocar o *despacho* no pé do *locô* (munguengue).

Um verdadeiro omolocô não dá farofa a Exú na porta do cemitério. Os iniciados conhecem quando os animais sacrificados são preparados por "curiosos" ou por *oxóguns*.

* * *

Já que estamos evocando as reminiscências do passado, desejamos relembrar alguns personagens notáveis da seita. Citmos, com todo o acatamento que merecem: — Manuel Bertolino, Manoel Carambola, Chica do Prêto Fôrro, Maria Damator, Maria Bombochê. José Espinguélo, Miguel Babochê, Ricardina, Alexandrina Rôxa, Pedro Frio, Claudio da Ilha dos Velhacos, Severo (do Corpo de Bombeiros). Como *ogãs*: — *Mistura*, que

A Ialorixá Guiomar no terreiro SÃO SEBASTIÃO abençôa seus filhos

tirava pontos cantados em qualquer dialéto africano (em Engenho de Dentro); *Tomate,* ótimo tirador de pontos, no terreiro do falecido Sizenando, em Oswaldo Cruz; Osvaldão. em Irajá e Costa Barros; *Estafeta,* em Madureira.

Citemos, como "mães de santo" as *ialorixás*: Marta, Branja, Tia Benedita, Elvira da Bôca do Mato, etc. Como .'pais de santo": — Benedito dos Santos, em Nilópolis, do Terreiro "Zazemambembe"; Mingote, em Duque de Caxias; Hilário do Morro da Mangueira; Massurumi e Henrique Antônio da Silva. E assim por diante. Vivos ou mortos, os chefes de terreiro, formados na seita, serão sempre lembrados, pelo poder espiritual de que dispunham ou dispõem e pela caridade que praticaram e praticam. Aos mortos, o preito de nossa saudade. Aos vivos, o penhor de nossa amizade respeitosa.

Capítulo II

AS ARTES MÁGICAS NA UMBANDA

1. AS ARTES MÁGICAS NA UMBANDA

De modo geral. há duas espécies de magia: a *magia branca* e a *magia negra*. A magia branca, que serve para o bem, utiliza a prece e a meditação, enquanto a magia negra manobra as fôrças invisíveis para a prática do mal. Acontece que os espíritos inferiores que ajudam o praticante da magia negra terminam por conduzí-lo à perdição de sua alma.

Há ainda a *magia natural,* que utiliza os espíritos elementais para certos objetivos. Êsses elementais chamam-se salamandras (do fogo). silfos (do ar), ninfas ou ondinas (da água) e gnomos (da terra) - Não têm corpo físico, mas apenas corpo astral e alma. Inimigos dos ateus e dos libertinos, vivem de acôrdo com as leis da Natureza, durante séculos. Sua comida é o vapor dos alimentos que os homens cosinham, o cheiro dos animais sacrificados nas cerimônias rituais, a fumaça das coisas queimadas. O homem, mediante a magia natural, pode entrar em comunicação com êsses sêres.

Embora qualquer homem seja dotado de faculdades mágicas, poucos possuem a necessária fôrça espiritual e firmeza de vontade. O ato mágico significa a atração de espíritos superiores, ou inferiores, e isso só pode ser feito por quem esteja limpo de corpo e de espírito, com a mente calma e repousada, isento de paixões e desejos. Libertando-se da influência dos sentidos, o homem se eleva espiritualmente e pode entrar em comunicação com as esferas superiores.

A Magia, ou Cabala, explica a clarividência da seguinte maneira: — "cada ação deixa no éter um vestígio, uma imagem, e é por meio destas imagens astrais que o clarividente pode descobrir o passado. Do futuro, pode ver só aquilo que lhe mostram as correntes fluídicas que fluem do passado e do presente para prepararem os acontecimentos vindouros".

Explica-se também a revelação obtida nos sonhos, quando os espíritos encarregados da execução de atos desfavoráveis resolvem avisar o interessado, de certo modo preparando-o para o que vai acontecer.

O praticante da Magia ou Cabala deve conhecer as curas mágicas, a influência dos astros e dos talismãs, e os fenômenos hipnóticos.

Como tôda religião tem sua parte mágica (embora isso seja negado por algumas que se julgam mais adiantadas), o umbandista completo deve procurar conhecer os segredos da magia branca.

Desde que a religião de Umbanda passou, quase repentinamente, a interessar o pôvo brasileiro, numa pergunta surgiu, espontânea: "O que é a Umbanda?" Ouçamos dois pesquisadores científicos, sôbre os quais não pesa a suspeita de sectarismo. Um é Alfredo d'Alcantara, que escreveu: — "A denominação Umbanda generalizou-se de tal fórma que hoje abrange tôdas as organizações religiosas, de raiz africana, espalhadas pelo país inteiro, não escapando os "candomblés de caboclo" da Bahia nem os "xangôs" do nordeste".

O outro, L. A. Costa Pinto, diz, — após se referir ao sincretismo da Umbanda com o catolicismo e os cultos amerindios: "Admitindo todos êsses elementos, a "macumba" constitui, nêsse sentido, uma grande síntese e reproduz aqui, aos nossos olhos, em suas grandes linhas, a história natural de tôdas as religiões. É o que explica, aliás, que pessôas vindas de outras partes, brasileiros de outros Estados, estrangeiros de todos os países, crentes de tôdas as religiões, filiados de tôdas as seitas — sintam-se à vontade na "macumba", e sintam nela um pouco de sua própria crença"... E. ainda, o rádio, a televisão, as revistas ilustradas, rivalizam-se na exibição, em tom fantástico e legendário, de seus ritos, suas práticas, seus "mistérios", que exercem, grande fascínio e despertam grande curiosidade sôbre as multidões e, muito particularmente, entre as classes superiores. Aliás, em certo sentido, essa curiosidade, um tanto "snob", pela "macumba", por parte das classes superiores, como que insatisfeitas com a religião "oficial" e tradicional, é o que há de mais novo na história contemporânea da macumba".

A verdade, que muita gente desconhece, ainda os que se julgam portadores de grande cultura, é a existência, na Umbanda, dos conhecimentos transcendentes do ocultismo iniciático. A iniciação umbandista segue as grandes linhas da doutrina secreta dos iniciados, transmitidas há milênios, sob um sigilo que constitui a sua própria razão de ser.

Da Pérsia, o mazdeismo de Zaratustra passou para o Egito dos faraós e dos grão-sacerdotes de Isis, com o nome de ciências herméticas. Do Egito, irradiou para as tribos africanas e para os seus reinos de adiantada civilização na época.

A arte mágica consiste no entrelaçamento das fôrças da matéria com as energias espirituais. O domínio da natureza deu aos magos o poder de produzirem fenômenos considerados inexplicáveis, tais como sortilégios, curas instantâneas e mortes misteriosas. Por que, é necessário se repita, a arte mágica serve para o Bem e para o Mal. Há, porém, um corretivo a êsse poder tremendo. É que as fôrças cósmicas operam em cíclos fechados. O bem e o mal voltam ao ponto de partida, constituindo o famoso "choque de retôrno", que é um freio para os que se dedicam à prática de malefícios.

É um êrro, pois, afirmar-se que na Umbanda não há artes mágicas. Qualquer religião, mesmo a que se considera mais evoluida, recorre à magia. Êsse conhecimento é sempre negado. Mas, o que é a prece, senão um ato mágico?

O sentimento religioso não é simplesmente uma questão estética, mas um âmparo de que se serve o crente, e em suas angústias e suas provações. Daí resulta a influência extraordinária que a religião exerce sôbre a vida social.

Lê-se na Bíblia:

> "Vigiai e orai para não cairdes em tentação; o espírito está pronto, mas a carne é fraca".
>
> (Matheus, XXVI, 41).

O grande vidente de nossa época, Coema Piranga, que anda incógnito pelas ruas desta capital, no cumprimento de sua missão profética, recebida de Oxalá Guian, adverte-nos, em uma palestra com êle mantida, em seu retiro da Estrada Rio-Petrópolis, na pedreira de Xangô:

> "Essa passagem da Bíblia não deve ser interpretada como parece estar escrita. Porque, em verdade eu digo: "a carne não é fraca nem forte. A carne é inerte. O que é fraco é o espírito que lhe dá vida. Êste, sim, é que domina a matéria e lhe comanda os movimentos".

Coema Piranga quer nos dizer, com essas palavras de iniciação do quarto grau, que nenhum pecador pode se desculpar

com a fraqueza da carne. Se a carne é matéria, é músculo que apodrece, quando o espírito se retira do corpo, então a carne não tem vontade própria e não pode ser responsabilizada pela debilidade do espírito.

Rigorosamente cumpridos, os mandamentos da Lei de Umbanda representam um código de moral pública e privada, digno dos povos da maior cultura, em todos os tempos.

2. SIMBOLISMO UNIVERSAL DOS PONTOS RISCADOS

Qual a origem dos símbolos gráficos? Por que os homens sempre atribuiram misteriosas influências a certos sinais, muitos dêles copiados da própria Natureza?

Será que sòmente êste século, descrente e orgulhoso de uma ciência materialista, está certo, e que tôda a humanidade que nos antecedeu está errada?

Esquecem-se de que tôda a nossa organização social está baseada em um símbolo gráfico, muito antigo — "a cruz?" a cruz onde foi pregado o Divino Redentor?

Se êste símbolo tem valor, e vale realmente contra as fôrças malígnas, por que serão fantasias da crendice popular os demais símbolos cabalísticos?

A "Cabala" é um derivado das ciências ocultas e provém dos antigos povos orientais. São numerosos os seus sinais escritos e falados. O homem de mediana cultura conhece a história da Cabala e a sua influência no progresso da civilização, no evoluir da própria ciência moderna.

O que é o alfabeto, senão um simbolismo escrito, por meio do qual os homens se entendem? Êsses sinais escritos, êsses riscos bem construídos, todos êle exprimem idéias. Ao vermos escrita uma palavra, sabemos qual a idéia que representa, o seu significado exato, o seu valor próprio. Os povos primitivos procuravam traduzir em símbolos o que pensavam. A Natureza, por sua vez, contribuia para que certas figuras fossem fixadas na mente, como é o caso, por exemplo, da "estrêla do mar", das fases da Lua, do arco-iris, dos raios solares. do ziguezague do relâmpago, etc.

Há cientistas que afirmam que o alfabeto proveio do círculo, que do círculo podem ser deduzidas tôdas as letras.

Todo mundo sabe disso. Mas, quando, em um terreiro de Umbanda, o babalaô traça um símbolo gráfico, com uma pemba, defronte do pegí, então o curioso "muito instruido" sorri da ignorância do chefe de terreiro...

Já mostramos, em reportagem anterior, a importância, o poder e o valor dos "pontos riscados". Já dissemos que os umbandistas iniciados nos mistérios da seita sabem interpretar o significado de qualquer ponto riscado. Assim, o nosso objetivo hoje é apenas abordar um aspécto, quase inédito para a maioria dos leitores, do simbolismo dêsses riscos cabalísticos.

Um dos sentimentos mais espalhados na humanidade é o desejo de proteção e de segurança. Habitando em um planeta em que a luta pela vida assume, frequentemente, aspéctos dramáticos, o ser humano acha prudente tomar precauções e se aparelhar para resistir aos fatores de destruição. Nem tôda a gente confessa êsse sentimento, que, muitas vezes, é tão forte e incontrolável que leva o indivíduo a colocar, atrás da porta da residência ou do estabelecimento comercial, ferraduras, figas, estrêlas do mar, cavalos-marinho, dente de coelho, etc. Outros, em muito maior número, usam "breves", orações escritas, cruzes em miniatura, talismãs, tudo com o fim de atrair a felicidade e livrar-se do mal.

No mundo, duas fôrças cósmicas se defrontam — o Bem e o Mal. O objetivo final das religiões é a vitória do Bem. Êsse dualismo existe, por assim, dizer, fisicamente, e se manifesta em todos os instantes. Os espíritos atrasados se colocam ao lado do Mal, até que a sua evolução se conclua.

Então, atente o leitor para êste fato: — há símbolos cabalísticos para o Bem e para o Mal. Nas seitas afro-brasileiras, há pontos riscados para invocar as falanges benéficas e também as falanges maléficas.

Suponhamos que o leitor funde uma organização e, consciente ou inconscientemente, a coloque sob o domínio de um símbolo cabalístico próprio das falanges do Mal. Suponhamos ainda que essa organização tome conta do país, com milhões e milhões de adeptos. O que aconteceria?... Aconteceria que o destino de sua organização estaria traçado pelo símbolismo adotado.

Isso mesmo sucedeu em nossa geração, e ainda estamos sofrendo as conseqüências do desencadeamento de fôrças malignas sôbre o nosso planeta. Nos próximos vinte anos, as religiões reconduzirão a humanidade ao caminho do Bem. Depois, haverá um período, um pouco maior, de retorno das fôrças malignas, até que seja iniciado o novo ciclo espiritual, após o grande cataclismo que transformará a face da Terra, no ano 2.000.

3. A MIRONGA DOS DEFUMADORES

A sabedoria antiga... o imenso reservatório de conhecimento que a humanidade foi acumulando, através dos milênios... a misteriosa relação entre a terra e os sêres vivos... os enigmas da natureza humana...

Sim. A sabedoria antiga. O que está além da compreensão do homem médio, que utiliza o confôrto moderno sem se preocupar em conhecer as orígens das invenções e descobertas feitas pelas gerações que nos antecederam.

Já algum dia se deteve o leitor em olhar para a multidão em movimento numa avenida carioca? Pessôas de tôdas as idades se dirigem para os pontos mais diversos, cada qual interessada nos próprios problemas. Aqui uma senhora carrega uma criancinha ao braço, ali uma senhorita ouve um galanteio, mais adiante um velho de cabelos brancos anda pausadamente, com dificuldade. Crianças, moços e velhos compõem essa multidão, inocente de seu lugar no plano divino. Dentro de 30 anos, a metade poderá estar morta (ou desencarnada, como dizemos). As criancinhas já terão filhos, as pessôas de meia idade já terão netos e os velhos já terão em maioria se transferido a outro plano do Universo. Mas. com tôdas essas mudanças, a vida continuaria, no conjunto da humanidade.

Durante o decorrer de um século, há três gerações de sêres humanos. As gerações constituem os élos da corrente vital, em sucessão ininterrupta. A criança que hoje aprenderá com os mais velhos, mais tarde, ensinará o que aprendeu aos que forem nascendo. E assim, o conhecimento se transmite de geração a geração. As idéias básicas, as grandes verdades, passam de geração a geração, sob a fórma de provérbios, anexins, ditados, lendas e contos, conselhos e proibições, etc.

Por que então, rapaz louco, desprezas a sabedoria antiga e julgas que só tu és sábio e poderoso, pois vives na época do rádio, da televisão, do cinema, do automóvel, do avião, da eletricidade, da energia atômica? Então os antigos eram atrazados e superticiosos?

Por que sorris, quando entras em um templo da religião antiga e vês a fumaça agradável que se evola do fogareirinho? Por que achas graça no defumador dos terreiros de Umbanda? Já notaste que te sentes bem disposto quando aspiras a fumaça odorosa do defumador?

Quem te vai responder é a Ciência oficial em que acreditas: o conjunto das plantas e resinas em combustão transforma-se em *formaldenide*, poderoso antissético, grande regenerador do ar atmosférico viciado.

Não é a Ciência oficial confirmando práticas das Ciências Ocultas, da Magia? E se te abalançares às pesquisas históricas, verificarás que o defumador, segundo a Bíblia, vem dos tempos de Adão, quando os primeiros homens acendiam fogueiras e faziam sacrifícios. Se a fumaça subia vertificalmente, é porque Deus havia aceito o sacrifício. E se continuares as pesquisas, verificarás que em tôdas as religiões se usa defumador. Que é o incenso que a Igreja Católica adota, em seu ritual? Achas que os padres católicos usariam o incenso queimado apenas por brincadeira?

Então, lembra-te de mais esta: — todos os sêres, orgânicos e inorgânicos, transudam flúidos. O aroma das plantas também é um fluído, bom ou máu, segundo o vegetal. Os africanos, mestres nas artes mágicas, conhecem receitas secretas, sabem selecionar plantas e resinas odorantes, possuídoras de dons naturais benéficos, para preparação dos defumadores.

O homem — o mais alto ponto na escala dos sêres vivos — transuda fluídos inúmeros. O pensamento, o sentimento, em sua elaboração, originam fluídos, que entram em contáto com os fluídos de outros homens, provocando simpatia. Os sentimentos inferiores, como sejam os de inveja, cobiça e ódio, causam fluídos maléficos, que vão prejudicar a pessôa atingida. Daí o que o povo denomina de "quebranto", "máu olhado", "enfeitiçamento", etc.

Os fluídos de defumadores, usados nos terreiros de Umbanda, fazem com que as influências do mal se afastem. O defumador imanta o ar e produz vibrações agradáveis aos orixás e outras entidades espirituais. Assim, o defumador serve para atrair os espíritos de luz, ao mesmo tempo que reduz a excitação nervosa provocada pela acumulação dos próprios fluídos do indivíduo. Diz-se, por isso, que o defumador "descarrega" a pessôa das más influências que recebe, em contáto com seus semelhantes, restituindo-lhe a felicidade, a saúde e o bem-estar.

E aqui transcrevemos o que diz um fabricante de defumador: "Nas repartições públicas, casas comerciais, onde há acúmulo de muitos indivíduos, muitos cérebros, portanto, em contínuo trabalho, os fluídos procedentes de uns e os procedentes de outros estabelecem uma corrente que vai aos mais fracos, determinar o que modernamente chamamos de neurastenia".

Por que os terreiros usam o defumador? Porque é um condensador das influências e virtudes benéficas.

Contou-nos há dias o sábio oculista Coema Piranga que, em um pegi que segue a verdadeira tradição africana, queimara um tablete de defumador em homenagem a Oxalá, colocando

o tablete sôbre um carvão ardente. No pegi, não havia correntes de ar. No entanto, a fumaça se dirigia tôda para o *pepelê* dos Ibeji, do lado direito. O sábio perguntou mentalmente: "Por que a fumaça não vai para o outro lado?" Instântaneamente, a fumaça mudou de rumo e depois, em grossos rolos, subiu firme para o centro envolvendo Jesús Crucificado. E se tratava apenas de um pequeníssimo tablete de defumador... Quando acabou de queimar, o tablete e o carvão conservaram a fórma inicial intacta, e a cinza não se desfez. O caso ocorreu no Centro de Ogún e Yemanjá, à travessa Américo Salvatori nº 182, no Rocha, em São Gonçalo.

Conhecedores das virtudes e do poder mágico do defumador, os umbandistas abrem os seus trabalhos defumando o terreiro e os assistentes, cantando o seguinte ponto, ao som de palmas e *atabaques* (tambores):

Banda chêrou
Como chêra.
Banda chêrou
Como chêra

4. OS MISTÉRIOS DO JONGO

Os homens são sêres de três dimensões — comprimento, largura e altura — mas a própria Ciência admite a existência de quatro ou mais dimensões do espaço. A própria ciência oficial reconhece que as suas leis naturais resultam do gráu de progresso intelectual a que atingiu. Um grande cientista francês Henri Poincaré, cujas obras tivemos o prazer de compulsar, chamou a atenção para o fato de que as leis (físicas, químicas, biológicas, etc.) evoluem, de acôrdo com a evolução do planeta.

É conhecida a frase do profundo filósofo, cientista e literato alemão Goethe: "Entre o céu e a terra, há mais mistérios do que pensa a nossa vã filosofia".

Sim, há mistérios tremendos, que causam vertigem ao pensamento humano. Em todos os tempos e em todos os povos, a humanidade guarda memória de homens excepcionais, que pareciam desafiar as leis da Natureza nêste plano do Universo, nêste plano físico em que vivemos, e que mal conhecemos.

O leitor. a esta altura, deve estar estranhando êste "introito". E com sobeja razão. É que vamos narrar fatos extraordinários, que as pessôas muito "sabidas" não aceitarão sem muita relutância. Antes, porém, de nos qualificarem de "mentirosos", investiguem, pesquisem, andem como temos andado por êste vasto Brasil.

E foi andando que encontramos em Mutuá, no município fluminense de São Gonçalo, dois *jongueiros*, que confirmaram nossas antigas impressões sôbre a fôrça espiritual do Caxambú. Conversamos com o velho Cláudio Claudino de Souza e com Avino Firmino Dutra, ambos jongueiros experimentados, e homens sérios, tementes a Deus.

Jongo é o terreiro da nação de Congo. Denomina-se também *Roda de Caxambú*, ou, como no Maranhão, *tambor de criôlo*. No jongo, usa-se três tambores: o *candongueiro*, o *caxambú* e o *gomapuita*. Nesses tambores, a parte de cima é encourada, mas a de baixo é aberta e fica em contáto com a terra. Pois bem, quando se toca qualquer dêsses tambores, o som, conduzido subterrâneamente, vai impressionar os ouvidos de um jongueiro há léguas de distância, por exemplo, de Matuá a Niterói. Se o homem esta de pé, o som chega fraco, porém se estiver deitado ouvirá nitidamente, como se estivesse perto do tambor.

Semelhante transmissão em si, não é de admirar, porque os índios colocam o ouvido junto à terra para ouvir os passos de uma féra ou de um homem há quilometros de distância. O fato é bem explicável, mas não é comum. Os tambores do jongo têm lá seu poder...

Aberto o terreiro de jongo, começam os pontos, as danças, os desafios improvisados. Vence o "velho" que tiver mais fôrça espiritual. Um trabalho de "armação" feito por uma entidade é desfeito por outro "preto velho" mais forte. O curioso desprevenido pode ser "amarrado" e mesmo sofrer decepções inesperadas. Há jongueiros que trabalham para o mal, pondo em risco sério o "abelhudo".

À noite de São João é propícia para se demonstrar a fôrça do jongo. Bem. Vamos agora ao fato extraordinário e incrível, como nos contou o jongueiro Cláudio Claudino.

Na passagem de 23 para 24 de junho, quando a animação chega ao ponto culminante, o chefe do Caxambú manda buscar uma muda de bananeira. Soam os tambores com a máxima intensidade. Canta-se o ponto apropriado. Então, o jongueiro planta a muda de bananeira no chão, recobre-a com uma toalha branca nova. A emoção é enorme.

E a bananeira vai crescendo, minuto a minuto, a olhos vistos. Da folhagem, arrebenta o cacho, ainda pequenino, e vai aumentando, aumentando, de instante a instante, vai amadurecendo. O ato dura até duas horas, sob os olhares de todos.

E o jongueiro apanha as bananas e as distribui entre os companheiros e os assistentes. E as bananas são muito sabo-

rosas e contêm os ingredientes das bananas que compramos no mercado.

O que a Natureza realiza em mêses o jongueiro consegue em duas horas. Cláudio Claudino explica, em sua linguagem: o jongueiro revoluciona a terra e arranca o que é preciso para fazer o cacho de bananas.

Eis agora a nossa explicação: não foi violado o processo da Natureza ao formar a banana. A banana do jongueiro contém todos os elementos minerais da banana normal. O que houve foi apenas uma alteração do tempo normalmente gasto na formação da banana. Apressou-se muito o processo da Natureza, com a fôrça dos "velhos" baixados no terreiro de Caxambú e a licença de Zâmbi (Deus).

Ao leitor instruído dizemos: o amigo conhece as leis da Natureza visível, mas ignora as leis da Natureza invisível.

Não é só a mironga da bananeira que acontece nos terreiros de Caxambú. O jongueiro, conforme nos contou Cláudio Claudino, manda colocar no terreiro uma barrica nova e limpa e enchê-la de água potável. Executa o cerimonial necessário, e depois convida os presentes a tomar vinho da barrica... Transforma a água em vinho, com a fôrça dos "velhos" baixados no terreiro e a licença de Zâmbi.

Pense o leitor no que acaba de lêr. Quem anda é quem sabe...

5. LENDAS DA NOITE DE S. JOÃO

Um sujeito, muito descrente, muito positivo e muito opinioso disse certa vez: "Não acredito em espíritos, mas que existem, existem".

De modo inverso, um umbandista nos declarou outro dia: "Sou espírita, sou umbandista, mas não acredito em nada fóra da matéria". Pois o mundo é assim mesmo. A gente pensa que é uma coisa e é outra. Há também o caso daquele ateu confesso que, no meio de um discurso inflamado contra qualquer religião, gritou bem alto: "Eu, que sou ateu, graças a Deus..."

Escrevemos para um público aproximadamente de cento e vinte mil leitores de O DIA. Recebemos cartas não sòmente do Rio, mas de vários pontos do Brasil. A umas respondemos pessoalmente, a outras através desta série de reportagens.

Ora, tôda religião tem suas lendas. As lendas, por sua vez, nascem de algum fato verdadeiro, que vai sendo enriquecido através do tempo. Conhecemos algumas lendas referentes à noite de São João. Por que escondê-las aos milhares de leitores que nos honram com a sua confiança?

A noite de São João tem suas mirongas, seus mistérios. É uma noite tôda especial, em que as noivas e os noivos procuram advinhar o destino de seus sonhos, em que os ocultistas sondam os enigmas da Natureza e buscam fortalecer os seus poderes.

De uma dessas mirongas, falou-nos Ildefonso Rosa. Quem já viu a flor do *xaxim?* Pouquíssimas pessôas. Porque, para colher uma dessas raridades, é necessário ter muita coragem.

Na noite de São João, ou, melhor, entre às 11 horas e a meia-noite de 23 para 24 de junho, o audacioso se interna na mata fechada, *onde não se ouve o canto do galo*. Às 11 horas da noite, desabrocha a flor do *xaxim*, e cai. Exú está ali, para colher o que lhe pertence. Quando a flor vai caindo, o audacioso, mais que depressa, procura apanhá-la, antes que Exú o faça. Trava-se a luta. Se Exú consente, o audacioso leva a preciosa flor e sai correndo da mata, sem olhar para trás. Porque, se o fizer, morrerá.

É na noite de São João que a bananeira de São Tomé cresce e amadurece em duas horas.

À meia noite de 23 para 24, os umbandistas fazem a sua saudação a Xangô Obomi, ou Xangô Menino, que, no sincretismo católico-umbandista, é São João Batista. A noite de São João é a noite das mirongas...

6. SACA-ANGA E CATULÁ

Retirada de malefício introduzido no corpo denomina-se "saca-anga", na Linha das Almas, e "catulá" no Omolocó. Vamos explicar a causa e o efeito dessa operação.

Conforme ensina o ocultismo, o cérebro humano é um inesgotável gerador de fôrça cósmica da qualidade mais refinada, extraída da energia bruta ou básica da natureza. Assim, o praticante das ciências ocultas pode projetar e materializar, dentro do mundo visível, as fórmas que sua imaginação criou, por meio da matéria cósmica inerte do mundo invisível. O segrêdo da arte consiste em saber utilizar e manipular os materiais que a natureza guarda em reserva.

Materializar as fórmas mentais requer um conhecimento profundo de muitos mistérios. Pode-se realizar essa operação mágica para o bem ou para o mal. Do mesmo modo, quem sabe pode desmaterializar essas fórma mentais, cortando o malefício.

O ser humano está sujeito a doenças do corpo e do espírito. O bom funcionamento dêsse binômio garante o equilíbrio, a perfeita saúde.

A matéria cósmica passa por numerosas transformações, de acôrdo com os princípios da Química Astral, a que nos referimos em reportagem anterior. É possível, assim, introduzir no corpo humano fórmas mentais, vivas, ou simplesmente a sua imagem. Muitas pessôas, vítimas da maldade de gente ruim, queixam-se de que têm a impressão de que um bicho se aloja em seu corpo, seja um sapo, uma aranha, um grilo, etc.

Conhecemos uma senhora, já com seus cinquentas e tantos anos. Nessa idade, começou a se formar em seu pescoço uma espécie de papo, crescendo dia a dia, embora tentasse todos os recursos para seu tratamento. Em certas ocasiões, a senhora sofria horrivelmente, pois sentia os movimentos de um bicho em sua garganta. Um dia, porém, surgiu-lhe em casa um indivíduo, que lhe deu a beber certa infusão de erva, além de lhe colocar ao pescoço uma compressa de erva socada. Logo no dia seguinte, a senhora começou a tossir fortemente, dizendo que estava com alguma coisa presa na garganta. Afinal, após grande esforço, e com assombro geral, expeliu um bichinho preto, que se alimentava da própria comida por ela ingerida. Achava-se tão pegado à garganta que saiu com várias raias de sangue.

A opinião dos médicos, consultados a respeito, foi a de que a baratinha, ainda pequena, fôra introduzida inadvertidamente em um copo dágua, fixando-se na garganta da senhora.

Quando o "camba" (chefe de terreiro da Linha das Almas), percebe que certa criatura está sofrendo as conseqüências de um malefício que não é de orígem material, e sim o resultado de uma fórma mental, trata de abrir uma mesa (no chão), para verificar a causa do malefício. Há pessôas que apresentam horríveis chagas nas pernas, para as quais a medicina oficial não encontra cura. Se a orígem dessa doença é espiritual, o chefe de terreiro não se pode recusar a fazer caridade.

Como é mesmo aquela frase latina? "Divinum opus sedare dolorem" (é obra divina aliviar a dôr). Evidentemente, um chefe de terreiro cometerá um crime se exercer ilegalmente a medicina. Só o médico pode tratar dos males corporais. Mas ao sacerdote (qualquer que seja a religião) compete prestar socorro espiritual. A César o que é de César, a Deus o que é de Deus.

Retira-se o mal que atinge a pessôa, fazendo-se a cerimônia da abertura da mesa, chamando-se o "santé" próprio para êsse trabalho, ou do outro protetor, na sua ausência. A cerimônia é a seguinte:

— A mesa aberta é feita no chão, usando o "tata" um pano

branco amarrado na cabeça, tendo como auxiliares os "cambas". Coloca-se um alguidar com muitas raízes de ervas e vinho "Sangue de Cristo", outro alguidar com "oti" e outras ervas, e uma bacia branca onde o padecente põe a perna afetada. A assistência deve ser escolhida, formando uma forte corrente. Um camba passa a lavar com material bem limpo e aquela infusão de ervas as chagas do necessitado, cantando-se o seguinte ponto para chamar o "santo":

"Vamos chamar santé na calunga,
Olha êste camba,
Que é filho de Umbanda"

Êsse trabalho é realizado em dias de Lua cheia, vindo o "tata" com "cimá" (cinza), "mungue" (sal), cruzando os braços em direção à Lua batendo fortemente no peito com os braços cruzados, e fazendo os gestos do ritual. O padecente tambem fica sentado em direção à Lua, ou onde se vê o seu reflexo, abrindo-se tôdas as portas.

Quando o "santé" se incorpora, dá, fortes brados, cantando a assistência o seguinte ponto:

"Tata de Umbanda
Me cura miô
Me cura
Na fé de Zâmbi,
Me cura".

Nessa altura, vê-se um espetáculo impressionante, para quem não está acostumado. Depois das chagas bem limpas e lavadas com a infusão de ervas, o "santé" pronuncia algumas palavras cabalísticas, coloca a bôca do médium nas chagas e passa a sugar a ferida, colocando o mal retirado (até pús) dentro de uma vasilha branca. Durante a cerimônia, a assistência canta os pontos apropriados. Vê-se, dentro da vasilha, a formação dos bichos peçonhentos que faziam o mal que se materializou na carne da pessôa — besouros, centopéias, terra, e o objeto utilizado para o malefício.

Retirado o mal, pelo "santé", tudo é destruído por um "ponto de fogo". A vítima tem de escolher: ou retornar o mal para quem o praticou, ou perdoar. Deve voltar à casa de caridade várias vezes, até completo restabelecimento.

O médium não está sujeito ao contágio, porque o "santé" lava a bôca do seu cavalo com a solução das raízes.

Êsse cerimonial tem, no Omolocô, o nome de "catulá", quase idêntico ao "saca-anga" da Linha das Almas, com a diferença de que é feito por Exú, o agente da magia do culto, e empregado dos orixás.

Há muitos fenômenos da natureza que a ciência oficial não pode explicar, como êsse da materialização e desmaterialização das fórmas mentais.

Não queremos diminuir ninguém, mas fugimos de quem não sabe e diz que sabe. Preferimos quem sabe e diz que não sabe. A nossa missão não é fiscalizar os terreiros, mas cooperar com aqueles que prezam o bom nome da Umbanda.

Aliás, não sòmente nos terreiros é realizada a saca-anga ou catulá. No interior dos Estados, nas zonas rurais, onde as cobras trafegam à vontade, verificam-se casos notáveis de intervenção dos curadores, ou curandeiros, para salvar a vida de pessôas mordidas por êsses perigosos ofídios. Logo que se dá a mordida venenosa, o curandeiro baixa a bôca na ferida e suga a parte infeccionada. Às vezes, coloca fumo desfiado na bôca, para neutralizar o efeito do veneno. Êsses curandeiros rezam cobrero, bicheira e outros males que atormentam homens, animais e plantas.

Capítulo III

CERIMÔNIAS DO NASCIMENTO, DO CASAMENTO E DA MORTE

1. PRECEITOS DO NASCIMENTO

No lento evoluir da humanidade, é interessante observar-se como certos usos e costumes vão sendo substituídos ou abandonados. Essa mudança não se opera, todavia, ao mesmo tempo em todos os lugares. Sempre há sobrevivências que permitem a pesquisa minuciosa dos fatos.

Antigamente, por exemplo, quando nascia um menino, a mulher observava um resguardamento de 40 dias, prazo que era diminuido para 30 dias se se tratava de menina.

Os pais convidavam seus amigos e parentes para beber o "mijo" do recem-nascido, isto é, um vinho apropriado. Êsse costume não se verifica mais no Rio, porém está em vigor no norte do país e no interior dos Estados.

A criança, ao nascer, era defumada com alfazema, mirra, benjoim e incenso. Êsse costume é de fundo religioso. O próprio Jesus Cristo, que, para os umbandistas, é Oxalá Guian, recebeu presentes de defumador dos 3 Reis Magos. Destinava-se o defumador a livrar do mal aquêle que nascia neste planeta carregado.

Ao completar um mês de idade a criança era apresentada à Lua Cheia. Havia, também, a observância do "ciclo setenário". Aos 7 dias (crise do umbigo), aos 7 mêses, e aos 7 anos, tinha-se com a criança cuidados especiais.

Aliás, entre os indús, a idade de 7 anos é de um grande significado, pois marca a transição entre a vidência e um novo estado psíquico. Até aos 7 anos, a criança "vê" coisas que o adulto sem mediunidade não percebe. Diz-se que a criança "mente" quando afirma que viu isto ou aquilo.

Se a criança apresentava fraqueza nas pernas, custava a andar, passavam-lhe baba de boi.

Os homens abandonam usos e costumes que têm fundamento, mas não podem destruir o poder da Natureza. Os ciclos se repetem com a mesma eterna regularidade. Tudo acontece no prazo determinado. Assim, cada espécie animal tem o seu período certo de vida, em têrmos médios. Contra os cíclos naturais, a ciência nada pode.

Durante a geração, a criança está sob a influência de um espírito da Natureza. Quando nasce, e recebe o sopro vital, é entregue a um espírito evolutivo. O cerimonial do defumador e do vinho é exatamente para saudar o espírito que chegou, para cumprir a missão que lhe foi reservada.

2. O MATRIMÔNIO UMBANDISTA

Vamos descrever a cerimônia completa do *casamento umbandista,* reservando, apenas, o que constituir *mironga*.

Em primeiro lugar, é proibida a união carnal de homem e mulher iniciados na seita pelo mesmo *ganga,* ou chefe de terreiro. Assim, noivo e noiva não podem ser irmãos do terreiro.

Inicialmente. ao ser procurado pelos noivos, o ganga joga os búzios, para verificar se os anjos-da-guarda do noivo e da noiva combinam. O anjo-da-guarda do noivo deve ser *orixá* masculino e o anjo-da-guarda da noiva orixá feminino, ou vice-versa. Isto, para evitar uma provável incompatibilidade de gênios.

O ganga pergunta aos noivos se confirmam a sua intenção de casamento. Obtida a confirmação, o sacerdote-maior estuda a posição da Lua e marca a data do casamento, no dia mais favorável. Escolhem os padrinhos e as madrinhas e começam os preparativos.

A cerimônia consiste no seguinte ritual: — o noivo e a noiva comparecem vestidos com os trajes do culto, debaixo do *alá,* riscado com os pontos dos seus anjos-da-guarda.

O padrinho traz o *obi-orobô* de 4 quinas, e a madrinha o de 3. O de quatro é entregue ao cambono colofé e o de três à cóta.

Os noivos ficam de mãos dadas, enquanto o ganga derrama, o *amací* sôbre essas mãos entrelaçadas.

Depois, quebra-se o *obi-orobô,* que se fragmenta em sete partes, no chão. O noivo come um pedaço do obi-orobô da noiva, e esta retribui a cortesia. Em seguida, os presentes também comem um pedaço do obi-orobô.

Então, o ganga, falando na linguagem sacerdotal do culto, em africano, declara o casamento celebrado e manda tocar o

No omolocô, vê-se Tio Paulino entre as sambas e as cótas tocando macumba acompanhado pelo tambor

adejá. Segue-se o regozijo geral e os presentes atiram fôlhas de cajá ou mangueira sôbre os recém-casados, cumprimentando-os na fórma dos preceitos.

A cerimônia termina, com o oferecimento, aos presentes, das comidas e das bebidas dos santos.

Foram, pois, tomadas tôdas as precauções para um matrimônio perfeito. Mas como a natureza humana é às vezes contraditória, pode acontecer alguma rusga ou zanga mais grave. Então, o padrinho se encarrega de aconselhar o marido, enquanto a madrinha faz o mesmo com a mulher. Se a zanga continuar, o caso é submetido ao ganga que realizou a ceri-

mônia nupcial. O ganga joga os búzios e verifica quem tem razão. O faltoso é multado ou punido com uma penitência a cumprir.

Pode acontecer, entretanto, que ambos não tenham razão. o resultado é que as queixas são poucas, e tudo se resolve em paz.

Na Umbanda, não há divórcio. Considera-se que o santo não permite a dissolução do casamento. É que primeiro se faz a união espiritual dos anjos-da-guarda, depois a união da matéria.

* * *

Em geral, os umbandistas casavam no civil, depois no católico e por último no terreiro, conforme descrevemos. Nos subúrbios da Leopoldina, havia uma famosa "mãe de santo", denominada Mãe Branja, muito conhecedora das mirongas do casamento umbandista.

Hoje, a invasão da tal "Umbanda Mista" (ou mistificada) vai introduzindo inovações escandalosas, inteiramente diversas das tradições da seita. Assim, certa vez, assistimos em um subúrbio carioca à caricatura de um casamento umbandista. O sujeito que se arvorou em oficiante da cerimônia pegou de um exemplar da Bíblia Sagrada, vestiu uma blusa encarnada, leu uns versículos do grande livro religioso e declarou casados as duas vítimas de sua intrujice...

É por isso que sempre nos batemos pelo respeito e observância do ritual antigo. A linguagem sacerdotal dos cultos afro-brasileiros é a africana, seja nagô ou angolense. Celebrar as cerimônias umbandistas em língua portuguêsa é o mesmo que celebrar a missa católica em português. Isto é, não tem o mesmo valor espiritual. É necessário respeitar-se a tradição de cada culto. Quem não sabe as línguas africanas, e pretende dirigir um terreiro afro-brasileiro, que procure estudar e conhecer. Pode parecer difícil, mas não é. Depende de um pequeno esfôrço, apenas.

Bem, continuemos. Os filhos do casal umbandista são cruzados no terreiro, com o que se invoca em seu favor a proteção dos seus orixás. Na idade conveniente, são iniciados na seita e se tornam, por sua vez, filhos de terreiro. Dêsse modo, de pais a filhos, transmite-se a tradição de nossa seita. O que pode ser revelado, será revelado. E ouvidos estranhos não ouvirão os mistérios que não podem ouvir...

3. O SIRRÚN

Após à morte do inesquecível presidente Getúlio Vargas, os terreiros amigos suspenderam seus trabalhos, para a realização da cerimônia do *sirrún*. É que o extinto gozava de grande prestígio entre os umbandistas, pois Sua Excelência soube manter o respeito à liberdade religiosa, cumprindo integralmente a Constituição da República.

Há duas espécies de cerimônia fúnebre: uma, destinada aos iniciados que falecem e outra aos amigos da seita, nas mesmas condições. Quando se trata de algum iniciado que morre, dá-se ao ritual o nome de *tiração da mão do vúmbi*. Seja estranho ou filho do terreiro, a cerimônia dura 7 dias.

Para quem não é da seita, efetua-se a encomendação a Zâmbi (Deus), a fim de que o Senhor do Universo o coloque no lugar que merece.

Quando o morto é umbandista iniciado, coloca-se o caixão funerário no centro da sala, celebrando-se uma espécie de missa de corpo presente. Retirado o caixão, os que o conduzem ao cemitério dão 7 passos à sepultura, descem-no e suspendem-no três vêzes, até que o depositam no fundo.

Na casa do morto, o ritual continúa ainda por sete dias. A cerimônia começa às 6 horas da tarde e se prolonga até meia-noite. Na sala as luzes estão apagadas; só há velas acesas. Ouve-se um canto triste, uma melopéia que comove. Considera-se que o espírito do morto está presente, assistindo a tudo, e o *vúmbi* é para retirá-lo da casa.

Após os sete dias, são reunidos os pertences do morto ligados ao culto; jogam os búzios para ver se os pertences ficam com a cabeça-maior (o mais graduado do terreiro) ou se vão despachados para onde devem ir.

A cerimônia do *vúmbi* é sempre presidida por um babalaô; se o morto era babalaô, ao chefe de outro terreiro compete dirigir os trabalhos.

Tudo terminado, os filhos do terreiro são obrigados a ir a outro terreiro tirar a *mão de vúmbi*. É que há um laço muito forte entre o babalaô e os umbandistas que êle iniciou, e êsse laço deve ser alterado, com a morte do "pai de santo".

No interior do Brasil o ritual africano é combinado com rezas e ladaínhas católicas, de tal modo que o observador não iniciado não percebe o sentido umbandista da cerimônia.

Na Linha das Almas, tudo é "tata", quer dizer "maior". Não se conhece orixá, e sim os "tatas", ou espíritos desencarnados, porém, evoluídos. O espírito de qualquer ouimbandeiro

ou babalaô pode vir na Linha das Almas, mas cada um representando sua seita, seu culto. Todos passam a chamar-se "tata", isto é, maiores no seu assunto.

Hoje, os terreiros da Linha das Almas estão desaparecendo do Rio de Janeiro. O povo prefere os terreiros de Angola, onde há mais liberdade do que nos de Nagô.

Antigamente, quando morria um "ganga", chefe de terreiro na Linha das Almas, faziam oferenda de mingáu de fubá de arroz sem sal; comiam um pouco de mingáu, sentados em volta, de branco, com velas acessas; depois, despacham a comida predileta do falecido e a sua roupa em um campo.

Cada um chegava nos cantos da casa e gritava pelo nome do falecido, dizendo que os seus pertences iam para o campo e que êle acompanhasse a comida e o mingáu que pertenciam à sua alma. Ao voltarem do campo, cada um bebia um copo dágua e jogava o resto para trás. Serviam uma garrafa de vinho verde ("Sangue de Cristo") e a comida, predileta do falecido em intenção à salvação de sua alma.

Hoje, êsse costume, que veio do Congo, está desaparecendo do Rio de Janeiro.

Capítulo IV

UMBANDA, CATOLICISMO E KARDECISMO

1. IDÉIAS ANTIGAS COM ROUPAS MODERNAS

A humanidade é assim mesmo... Gosta de vestir idéias antigas com roupas modernas. As idéias continuam as mesmas, mas a ilusão e de que se trata de novidades sensacionais.

Ora, muito bem. Muita gente pensa, por exemplo, que Allan Kardec "descobriu o espiritismo". Nada menos exato. Kardec foi um ocultista iluminado, um grande estudioso dos fenômenos supersensíveis. Vejamos qual a orígem do espiritismo moderno.

A arte de evocar os mortos é a "Necromancia", que, na antiguidade, tinha o nome de "evocação dos mortos", na Idade Media o de "vampirismo" e hoje o de "espiritismo".

O que Allan Kardec fêz, foi suavisar os ritos da Necromancia, dar-lhes mesmo uma fórma menos perigosa, distribuindo a corrente fluídica por muitas pessôas. Mas a Necromancia continúa sendo a arte de evocar os defuntos e faz parte das Ciências Ocultas.

Conforme escrevem antigos ocultistas, o nicromante ou feiticeiro pode evocar os mortos da seguinte maneira. "Como os espíritos dos mortos rondam com frequência a tumba de seus antigos esqueletos, o feiticeiro irá à noite ao cemitério e evocará uma personagem amada pelo defunto, exibirá a relíquia que tenha podido obter e que o outro tiver desejos de tornar a ver, falará ao morto de seus sêres queridos, se compadecerá dêle, o reconfortará... Mas quando notar que os ramos dos ciprestes e os morcegos fogem, o que é sinal de que o morto se aproxima, o feiticeiro, se não lhe quer servir de pasto, se erguerá e lhe ordenará que se detenha, em tom ameaçador... O morto se deterá e o evocador poderá lhe perguntar o que quiser".

O atual Espiritismo é a mesma Necromancia antiga, embora o seu palco sejam agora os salões de luz amortecida, e não

mais o cemitério. Luz amortecida, luz azulada, porque os espíritos não apreciam a luz forte das lâmpadas elétricas.

Mas a prevenção contra os evocadores de mortos é também antiga. O grande legislador do povo hebreu, Moisés, lutou para extirpar as crenças exóticas, proibindo, sob pena de morte, as consultas aos adivinhos, aos feiticeiros e aos evocadores de mortos. A verdade é que o próprio Moisés recorria frequentemente às artes mágicas...

Mais tarde, Jesús Cristo, (Oxalá Guian), confirmando as leis de Moisés, proibiu também a evocação dos defuntos, ao dizer: "Ai daquêle que mexer com os mortos".

O espiritismo consiste, pois, na evocação dos mortos. A Umbanda, porém, não evoca os defuntos, mas os espíritos da Natureza, os espíritos de luz que nunca encarnam. Quem está mais de acôrdo com os ensinamentos do Divino Mestre, Jesús Nazareno, — o Espiritismo de Kardec ou a Umbanda?

Evidentemente, a Umbanda. A Lei de Umbanda é muito anterior ao Cristianismo, mas nenhuma outra doutrina religiosa se aproxima mais do Cristianismo do que a Umbanda.

Entretanto, pasmem os leitores. O senhor bispo auxiliar do Rio de Janeiro, em uma infeliz entrevista à imprensa vespertina, acha que o espiritismo de Kardec é bonsinho e que o "baixo espiritismo" é o dos "ritos demonológicos das seitas africanas". Enfim, a humanidade é assim mesmo.

2. ENFIM, A VERDADE...

Os nossos estimados irmãos do "Jornal de Umbanda" (que de Umbanda nada tem) escreveram em seu número de maio: "...a Religião de Umbanda não sòmente sofre a influência africana como também a Cristã e a de nossos indígenas, estando, portanto, perfeitamente divorciada daquelas modalidades, como também o está do catolicismo, apesar da influência fortíssima que o cristianismo exerce em seu culto e filosofia".

Ora, quem conhece um pouco a história das religiões sabe muito bem que a raíz de Umbanda está no continente africano. É, assim, muito engraçado dizer que a Umbanda "sofre a influência africana". Não, confrades ilustres, a Umbanda é africana, é patrimônio cultural da raça negra. É ela muito diferente do Cristianismo e do Kardecismo, em sua filosofia e em seu culto. E isto por um motivo muito simples: a Umbanda é mais antiga do que qualquer religião européia atual, inclusivè muitos séculos anterior à missão divina de Jesus Cristo e à missão codificadora de Allan Kardec.

Tôdas as religiões têm um laço comum: a crença em Deus, Supremo Criador do Universo. O sentimento religioso apresenta os mesmos característicos fundamentais em todos os povos e em todos os tempos.

Em sua vida terrena, Jesus teve conhecimento das religiões africanas, durante o longo tempo em que a história bíblica não dá a menor notícia de suas ações. Jesus Cristo não necessitava de ser iniciado. mas, como prova de humildade, passou por tôdas as provas da iniciação na seita dos Essênios (que guardava a tradição dos profetas), até receber os símbolos da iniciação suprema, a do 4.º grau, inclusivè o cálice de ouro, que continha o vinho da vinha do Senhor.

Jesus, nos Evangelhos dos Apóstolos (apóstolo quer dizer enviado), depois de ressuscitar, disse aos seus discípulos que êle não era um espírito, pois os espíritos não têm carne nem osso. Cristo admitia, pois os espíritos. O que Jesus condenou expressamente foi a evocação dos mortos, ao dizer: "Ai daquele que mexer com os mortos" !

Ora, a evocação dos mortos é a essência da doutrina kardecista. Jesus condenou exatamente aquilo que Kardec ensinava: a evocação dos mortos, a antiga necromância.

A Umbanda não tem nada com a doutrina de Kardec, embora Kardec, estudioso como era, tivesse conhecimento da doutrina fundamental africana. A Umbanda não evoca os mortos, mas sim os orixás e bacuros, isto é, os espíritos da Natureza, que nunca encarnaram. Nisso, os "santos" da Umbanda são muito diferentes dos "santos" do catolicismo. Os santos católicos foram espíritos de luz que encarnaram, isto é, tiveram existência terrena, foram gente de carne e osso.

Compreendem, agora, os confrades do "Jornal de Umbanda" a diferença entre Umbanda, Cristianismo e Kardecismo?

Quando afirmamos que o "Jornal de Umbanda", ou, melhor, os seus dirigentes, nada entendem de Umbanda e são apenas kardecistas, não pretendemos outra coisa senão fazer prevalecer a verdade, sòmente a verdade. Êsse periódico, em seu número de maio, estampa, na primeira página, título em duas colunas, um artigo do senhor Jaime S. Madruga, presidente da "União Espírita de Umbanda", no qual êsse confrade afirma, com sua autoridade religiosa:

"Somos seguidores sinceros da doutrina codificada de maneira tão inspirada por Allan Kardec".

Quem mais pode negar que o "Jornal de Umbanda" e a "União Espírita de Umbanda" são simplesmente seguidores de Kardec? A "União Espírita de Umbanda" não é umbandista, porém kardecista. Eis a verdade, sòmente a verdade...

A Ialorixá Mãe Olga do terreiro do Pai Manoel da Luz sito na Av. Nilo Peçanha n.º 2.153 — DUQUE DE CAXIAS — que com sua cóta e alejá procede à abertura no Terreiro

Nós, umbandistas, não seguimos a doutrina de Kardec, mas a doutrina da Umbanda.

Agora, outro ponto. Desconhecem os confrades o significado da palavra "sacerdote". E desconhecem porque o kardecismo não constitui um culto organizado, porém uma doutrina filosófica, embora o kardecismo seja originado da antiga necromância, que tinha o seu ritual esquisito.

Sabem o que quer dizer "sacerdote"? Quais as suas funções? Os sacerdotes sempre foram os intermediários entre a divindade e os mortais. A sua função, em todos os tempos e em todos os povos, sempre foi celebrar as cerimônias do culto e oferecer sacrifícios para atrair os favores divinos. A condição social dos sacerdotes, seu papel, a importância de suas funções variam segundo os países. Às vezes, constituiam castas fechadas e poderosas, verdadeiras "democracias", outras vezes não se distinguiam de seus rebanhos.

Tôda religião organizada possui três elementos essenciais: doutrina-ritual-hierarquia sacerdotal. No kardecismo, não há, própriamente hierarquia sacerdotal. Mas a Umbanda possui sua doutrina própria, seu ritual e sua hierarquia sacerdotal, da mesma maneira que o Catolicismo e o Protestantismo. Em tôda e qualquer religião organizada a casta sacerdotal se compõe de "sacerdotes", isto é, de oficiantes do culto, os quais se submetem a um aprendizado longo e especializado, que consiste na iniciação ou preparação para as funções que irão desempenhar.

Circunstância impressionante é que a cerimônia da iniciação oferece quase os mesmos aspectos em tôdas a religiões. Em um dos nossos livros, "Doutrina e Ritual de Umbanda", incluimos, em anexo, o ritual da iniciação entre os antigos sacerdotes do Egito, no culto de Isis. Pois bem, êsse ritual se assemelha muito ao da Umbanda, da verdadeira Umbanda de origem africana, que não é a "Umbanda" mistificada de nossos estimados confrades.

Ora, a iniciação sacerdotal na Umbanda apresenta quase as mesmas fases da iniciação sacerdotal católica. Quando o aspirante ao sacerdócio católico recebe as ordens sacras, com a imposição das mãos pelo bispo, êste diz solenemente: "Recebe o poder de oferecer o sacrifício a Deus e de celebrar missas pelos vivos e pelos mortos". As funções dos padres católicos são: abençoar, presidir (oficiar), pregar e batizar.

Assim, presados confrades, quando os autores desta série de reportagens se assinam "sacerdotes de Umbanda" sabem muito bem o que estão fazendo. E não mais voltaremos ao assunto, salvo se os confrades desejarem ter conosco uma competição pública, em terreiro que indicarem, sôbre a doutrina e o ritual de Umbanda. Uma prova teórica e prática...

3. UMA DEFINIÇÃO DA UMBANDA

O escritor Heli Chatelain, em seu livro sôbre o folclore de Angola, assim se expressa: "Umbanda é derivada de Ki-mbanda, com o prefixo U, como u-ngana é de n-gana. Umbanda é: (1) a faculdade, ciência, arte (a) de curar com remédios ou por meios sobrenaturais, encantamentos; (b) de alvinhar o futuro consultando os desencarnados, os gênios e os demônios, que não são espírito nem humanos nem divinos; (c) de induzir êsses espíritos humanos ou não-humanos a influenciar a humanidade e a natureza, para alegria e tristeza humanas; (2) as fôrças e o trabalho no tratamento e na influência dos espíritos; (3) os encantamentos imaginados para estabelecer e determinar a conexão entre os espíritos e o mundo físico".

Êsse trecho de um pesquisador que esteve na África, na imensa região de Angola, destroi por completo a fantasia de alguns kardecistas, que pretendem que a Religião de Umbanda foi inventada por êles. Essa definição da Umbanda inutiliza, de uma vez, o trabalho de mistificação religiosa que vem sendo realizado pela União Espírita de Umbanda, através do tal "Jornal de Umbanda". O livro de Heli Chatelain tem o titulo de "Folk-Tales of Angola" e o trecho acima foi transcrito, do original em inglês, pelo cientista brasileiro Artur Ramos, citado por Alfredo de Alcantra, em "Umbanda em Julgamento". A Umbanda é de origem angolense. Omolocô é o culto dos povos bantus (entre os quais se inclui o Angolense), assim como o Nagô é o culto mais adiantado dos povos sudaneses (entre os quais se inclui o Yorubano). Compreenderam, ou querem mais explicações?...

Existe na África um território denominado "país de Umbanda", na Angola, recentemente visitado por um pintor, e escultor alemão que reside no Rio de Janeiro. Contou-nos êsse artista que o vocabulário básico dos umbandenses se compõe de 900 palavras, com as quais êles se entendem maravilhosamente.

Como é, ainda pensam que a Umbanda é uma ramificação do kardecismo?

4. LUTA RELIGIOSA, LOGO AGORA?...

Não! Não pode ser. Não e possível que alguém pense em guerra religiosa, logo agora, neste momento em que o Brasil se acha a braços com tantos problemas, necessitando da união de todos os seus filhos sinceros.

Não é esta a oportunidade para que os católicos, os protestantes, os kardecistas, os umbandistas, os teosofistas, os esoteristas e, enfim, tôdas as seitas religiosas se movam guerra de extermínio e perseguição mútua.

Porque tôdas as religiões têm um inimigo comum, que ameaça a tôdas por igual — o materialismo ateu e soviético, que nega a existência de Deus Supremo, Criador do Universo.

Que importa que adoremos Deus sob êste ou aquele nome, sob esta ou aquela fórma? Por acaso haverá no céu um lugar privilegiado, reservado sòmente a católicos ou kardecistas? Não, senhores, não façamos de Deus uma idéia tão mesquinha, e não o coloquemos a serviço de nossos interêsses sectários. Por acaso Deus distingue entre pobres e ricos, entre negros e brancos?

Guerra santa contra o espiritismo — querem alguns bispos católicos, esquecidos da caridade cristã, base da luminosa doutrina do Filho de Deus, Jesús, o Oxalá Guian das seitas africanas. Guerra santa, por que? A guerra que deve ser movida e contra o materialismo, contra os inimigos de Deus. que espalham os miásmas da corrupção, da mentira, da calúnia e do crime pelo mundo inteiro.

Homens de cultura não devem dizer que "o espiritismo discrimina-se em alto e baixo espiritismo; o primeiro, geralmente impregnado de um vago panteismo oriental, dentro do qual o destino final da criatura é o de ser absorvida e aniquilada, na essência divina. O último, a confundir-se com os "ritos" demonológicos da feitiçaria africana".

Por várias vezes, temos esclarecido, nestas colunas, que não há "alto" nem "baixo" espiritismo e que esta distinção inépta encobre um mal velado desprezo pelos centros modestos. Vem agora o Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro declarar que o "baixo" espiritismo é o das seitas africanas, pregando, pois, um racismo que a lei brasileira condena. Então, só porque algumas seitas são de orígem africana pertencem ao demônio? Não, senhor Bispo, já passou o tempo em que os pobres escravos eram obrigados a colocar em lugar de honra os santos dos seus senhores, e a esconder debaixo do santuário as imagens dos seus orixás.

A escravidão, senhor Bispo, foi um atentado à doutrina de Jesús Cristo. Mas, do contato entre civilizações tão diferentes, resultou o que em Sociologia se denomina "processo' de aculturação", de onde proveio o sincretismo religioso que vemos por aí. Êsse processo de aculturação ofereceu suas vantagens, pois o seu e o nosso Brasil é mundialmente conhecido como o país da "democracia racial". Aqui, nesta terra abençoada pelo

sangue e pelo sofrimento do negro escravo, não há e nem deve haver preconceito de raça, de côr, de religião. Somos todos iguais, perante a lei e perante a nossa consciência. Nêste país, senhor Bispo, não se pode falar em "religião de branco" e "religião de negro". Por que, senhor Bispo, nêste Pindorama dos tupis, quem é branco e quem é negro?...

Referindo-se a "ritos demonológicos da feitiçaria africana", Vossa Reverendíssima quís, sem dúvida, fazer alusão às seitas brasileiras de orígem africana, isto é, às seitas da Umbanda, compreendendo as várias nações trazidas do continente africano. Não acreditamos que Vossa Reverendíssima desconheça a história das religiões. Todos os sacerdotes católicos são instruidíssimos e muito inteligentes. Então na África só havia feitiçaria?... E porque Jesús Cristo, foi procurar a seita dos Essênios, que possuia dois grandes centros, um na Palestina (Asia) e outro no Egito (África)? Quando Jesús nasceu, três Reis Magos, guiados pela estrêla miraculosa, foram lhe prestar adoração, e um dêsses magos era negro.

E ainda mais: feitiçaria existe em tôda parte, nas selvas e nas mais adiantadas capitais do mundo, inclusivè Paris, Roma e Londres. Mas feitiçaria é feitiçaria, e Umbanda é Umbanda. Vossa Reverendíssima, mesmo, foi "enfeitiçado", para dizer as coisas erradas que disse aos jornais...

Não, senhor Bispo, raciocínemos: o catolicismo é a religião privilegiada, em uma República que não tem religião oficial. A Igreja Católica recebe dos cofres públicos tanto quanto um Ministério qualquer. E ninguém reclama, ninguém acha isso inconstitucional, tão grande é a simpatia que o povo dedica ao catolicismo, exatamente porque a Igreja Católica, desde a emancipação do Brasil, nunca se aventurou a perseguir as outras religiões. Vossa Reverendíssima sabe que, mesmo quando o catolicismo era religião oficial, no Império dos sábios monarcas, Dom Pedro I e Dom Pedro II, tôdas as outras religiões viviam pacificamente, cada qual adorando a Deus, como achasse conveniente.

Isso, sim, é que, está certo. Nada, portanto, de guerra santa ao espiritismo. "O Brasil não está em condições de suportar uma luta religiosa".

A invés de guerra santa, de luta religiosa, e Confederação Espírita Umbandista propõe um entendimento amplo e sincero entre tôdas as religiões que vivem no Brasil, para o combate espiritual sem tréguas ao materialismo ateu e soviético.

Capítulo V

ANEXOS

a) AS REVELAÇÕES DE COEMA PIRANGA

Solicita-nos um leitor de "O Dia" que lhe informemos quem é Coema Piranga, e qual a base em que se apoia para fazer previsões. Por nossa conta, primeiramente, vamos responder. Há três fontes de previsão: 1.ª — A comunicação do Orixá, ou por intermédio do "Cavalo" ou aparelho, ou por meio dos búzios; 2.ª — Pela intuição profunda; 3.ª — Pelo estudo das Ciências Ocultas.

Tratando-se de um filho de Oxalá Guian, é claro que Coema Piranga (que antes de nascer deu sinal de sua missão) recorre em suas previsões, à intuição. Por outro lado, sabemos que o vidente Coema Piranga é um iniciado no Ocultismo. Isso nos leva a concluir que êle recorre aos dois últimos processos.

Atendendo ao leitor, fomos ouvir Coema Piranga, e o resultado da entrevista em seu retiro é o que vai a seguir:

Certa vez convidado a tomar parte numa sessão do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, acedeu. Fechada a cadeia, o vidente perguntou às entidades espirituais se podia vir ao Rio. Apareceu-lhe, então, a estatua do Cristo do Corcovado. Formou-se uma larga faixa de luz que subia do seu coração ao coração de Jesús. E a santa imagem moveu os seus braços de mármore, abençoando o peregrino com o seu gesto de amizade. Depois, o vidente sentiu-se cair em uma escuridão absoluta, sobrenatural, como não se observa na terra.

Fugaz como um sonho, de apenas uma de suas encarnações tem Coema Piranga um leve indicio:: viveu na França há 300 anos, reconhecendo amigos e parentes daquela época.

Numerosos fenômenos presenciou o vidente. Em Nova Iguaçú em sítio da Fazenda da Posse, às 7 horas de uma radiosa manhã de sol, em plena luz, viu o busto de um fidalgo francês, mas um busto que tinha vida, suspenso no ar, atravessar o seu dormitório lentamente.

Certa vez, em Cururupú, no Maranhão, às 21 horas, ao atravessar na mata uma clareira, deu de cara com dezenas de pessôas fazendo roçado, queimando troncos de árvores, suando ao reverbero das chamas crepitantes. Mas os homens, as mulheres e as crianças eram anõezinhos de pele escura, e as imensas fogueiras, muito próximas do vidente não produziam o menor calor ... Antes de alcançar o outro lado da clareira, percebeu que a cêna era impossível. Disseram-lhe, depois, que ali existira uma grande fazenda de lavoura, nos tempos da escravidão. Tivera, pois, uma "visão retrospectiva".

A qualquer hora da noite, na cidade, no sertão, nos garimpos, nos rios e nas montanhas, nos cemitérios, nas ruínas, nos desertos, Coema Piranga viaja, só ou acompanhado. O medo não habita no coração daquele que se conforma com a vontade de Deus.

Porque, acima de todos os preconceitos, de tôdas as diferenças de hierarquia, de tôdas as convenções humanas, há uma verdade: "Anterior e superior à Terra é o tipo divino do homem; celeste é a orígem da sua alma". E então, como ensinou o Divino Mestre no Sermão da Montanha:

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus".

Há dias, ao despertar, ainda inconsciente disse: "Desde que eu nasci que quero voltar". Êle próprio surpreendeu-se com a frase, que vinha conirmar a previsão de sua morte. Mas, ouçamos as palavras do vidente: "Desde outubro de 1953 que sei que ainda tinha um ano de vida. Subirei em outubro de 1854. Não completei minha missão, porque um obstáculo se levantou. Mas êsse obstáculo faz parte do cíclo a que estou ligado. A obra que me coube realizar será continuada pelo ente que já baixou na terra, há um ano. Digo-vos, para que acrediteis: reencarnarei antes do último decênio deste século. Encontrarei o planeta desolado pela impiedade dos homens, pela descreça, pelo sofrimento, até que se cumpram as profecias e a Terra possa receber a sétima raça dourada".

E o vidente Coema Piranga continuou:

— E eis o que vos digo, como sinal dos tempos que estão se preparando na Aruanda: o 1.º Mandamento de meu Pai Jesús Cristo, Oxalá Guian, é êste:

"Ama a Deus sôbre tôdas as coisas e à Natureza que Êle criou, com todos os seres vivos".

E ainda vos digo, na fé de meu Pai Oxalá Guian:

"A carne não é fraca nem forte. A carne é inerte. Fraco é o espírito do pecador".

b) MENSAGEM DO "PIAGA" COEMA PIRANGA À NAÇÃO TUPI

Iané coema!

Tapui pepira guabo
Xé ramuya poracei;
Xé Tupan rekó ayucei
Xé mbá rekó peabo.

Xá nhehê putári. Xa mundica putári tatá. Mairamê tahá curi rehehe ce irúmo? Rerekó será manhã poranga? Ixé intimahã çúcú. Ixe intimahã ce rui. Muíri ruiúaú ne mú orekó? Manhançáua apgáua-itá catù.

COEMA PIRANGA, "piaga"
Tupinambá.

* * *

Esta Mensagem, na qual o "piaga" tupinambá Coema Piranga descreve a sua origem, as suas intenções e os seus desejos e exalta a obra dos homens bons, é transmitida aos povos tupis por intermédio da Confederação Espírita Umbandista, o que muito nos honra pela confiança em nós depositada pelo grão-sacerdote em missão no Pindorama. É de notar que a palavra "piaga" corresponde a babalaô ou babalorixá.

c) *É PARREI, YANSAN!*

Eis a Mensagem que Coema Piranga entregou ao sacerdote de Umbanda, dr. Byron Torres de Freitas:

Ço Vodun ba bá di a qui a dô!

Yansan, orixá de fôrça espiritual para as tempestades e os casos sentimentais! Com o teu *iagongo*, a pedra de Yansan que cura, vem nos livrar dos males físicos.

Com o teu *eruexim* e o teu alfange, vem nos livrar dos males espirituais enfrentando os *egüns* e afastando os *kiúmbas*.

Tu, que aplacas os ventos e as tempestades, vem lá do rio Niger, para que os nossos barcos não afundem, quando passa *Afefê*, o vento que sopra forte.

No teu dia, no dia 4 de dezembro, vem presidir o assentamento de teu *otá*, no canzó de teu filho. Vem dançar a tua dança, o *xirê* de Yansan. Vem *coreá* o teu *acarajé*, preparado dentro do ritual sagrado.

E vem ouvir, Oiá, as corimbas que te são consagradas:

I

Garunda, ê
Garunda, ê

côro

Cita na gome, tué
Garunda
Cita na gome auê
Oiê

II

Iapopô, mina tuiá gangá
Santa Bárbara, raínha do zacutá

côro

Guena, guena
Iapopô
Guena, guena
Orirá
Guena, guena
Iapopô
Banguéla Mina Oiá!

III

Pombo ê,
Gira me pombo
Pombo de Sansaguaia

E tu, Çôbô, podes dizer:

E man jô rô á!

Mas perdoa êste *vichê*, pois *muzueri ronene kalunguê*, isto e, o falador grande não tem razão.

Maleme, ochéu!

(a) COEMA PIRANGA, *piaga tupinambá.*

d) *UM CABOCLO BOTOCUDO FAZ REVELAÇÕES SÔBRE COEMA PIRANGA*

No médium d. Jurema Morais Temporal, baixou o caboclo Botocudo "Quati Fapatitasi", que, assim, declarou qual a sua origem (nação) e o seu nome (suna) no Centro Espírita Cabocla Jurema Curiam, em Senador Camará.

Essa entidade espiritual passou a fazer revelações sôbre a personalidade terrena de Coema Piranga. Descreveu o tipo físico, a estatura e a côr dêsse "piaga" tupinambá, que constitui uma das mais fortes mirongas da Confederação Espírita Umbandista. Ora, pouquíssimas pessôas conhecem Coema Piranga; daí publicarmos o que se passou no terreiro de d. Jurema.

O caboclo Quati Fapatitasi mandou transmitir ao piaga Coema Piranga a seguinte mensagem:

O.P.O.
Guaracy
Aracatahi
Guarapi
Azapuam
Jacy
Piranga

Além dessa mensagem, a entidade botocuda escreveu um recado cifrado, semelhante às inscrições rupestres da Pedra da Gávea, que estamparemos em reportagem próxima.

Os dirigentes da Confederação comunicaram-se com o piaga tupinambá, e obtiveram de Coema Piranga a seguinte mensagem ao caboclo botocudo:

Quati Fapatitasi
Iané pitúna, anãma!
Xá ikó putári ne irúmo. Xá iumuhe putári xá muhé recuiára. Xá rekó mira céiia. Rerekó mira céiia. Rerecó será iandí? Re ú pitúna putári será?

Ne mu
COEMA PIRANGA

O plaga Coema Piranga está cumprindo sua missão espiritual, mas, após fazer sua "passagem" para a Aruanda, promete baixar nos terreiros cariocas e fluminenses, com a licença de Zâmbi e Oxalá.

2. PROBLEMAS DA UMBANDA

Há certos aspectos sociais dos problemas da Umbanda que convém frisar. Certos delegados de polícia, em pequeno número, aliás, impedem que os terreiros se legalizem, a fim de "protegê-los" mediante o pagamento mensal de 100 a 300 cruzeiros. Soubemos mesmo, por informação que nos parece fidedigna, que sòmente em um município perto do Distrito Federal, a coleta mensal das "licenças verbais" para funcionamento de terreiros é de Cr$ 58.000,00. Nessas condições, é lógico que a êsses máus policiais não interessa prestigiar a Confederação Espírita Umbandista.

Outro grande motivo de perseguição é o "curandeirismo" velha instituição da humanidade, em todos os povos. O que é que a doutrina de Umbanda tem com isso?

Todavia, encaremos o assunto sob um prisma mais elevado. Se alguém é dotado de poderes espirituais para aliviar, mediante sugestão, as dôres alheias, porque impedí-lo de dar "passes"?

Vejamos, por exemplo, o caso dêsse bondoso sacerdote católico, o Padre Antonio de Urucaina. Acaso estaria êle exercendo a medicina ilegal? Não. Apenas utilizava, em benefício de seus semelhantes, o poder de curar que Deus lhe concedeu.

Aconselhar alguém a beber chá desta ou daquela erva consagrada pela flora medicinal, será por ventura um crime? Não. O que constitui crime é manter um laboratório sem licença da autoridade competente, fabricar remédios e vendê-los. Receitar, vender beberagens, isso, sim, constitui crime.

O poder curativo é um dom natural. Não deve ser confundido com a prática do curandeirismo.

Lembrem-se sempre da missão divina de Jesús Cristo. Lembrem-se de seus pensamentos acerca das coisas exteriores, das pompas externas sem conteúdo interior:

"Para que servem êsses templos, êsses sacerdotes, êsses hinos, êsse ssacrifício, visto que não podem dar remédio a tôdas estas dôres?"

Ao lado da assistência espiritual, Jesús queria que os sacerdotes aliviassem os sofrimentos físicos, minorassem a miséria que aflige a humanidade. A Lei de Umbanda manda cuidar não apenas do desenvolvimento espiritual do crente, mas de sua saúde corporal e de seu desejo de felicidade. Nenhuma outra religião se aproxima mais do ensino de Jesús Cristo (Oxalá Guian) do que a religião de Umbanda!

ÍNDICE

Cap. I — CERIMÔNIAS DO CULTO

1. Linhas e Falanges
2. Sambas, Cótas, Iabás
3. Cambonos e Ogâns
4. Reflexões sôbre a Semana
5. Comidas e Bebidas de Santo
6. Lavagem das guias dos Orixás
7. Jogo dos Búzios ou Delogún
8. Os quimbandeiros preparam zombís
9. Obrigações no mar e na cachoeira
10. Antigos costumes afro-brasileiros
11. Costumes dos Banguélas
12. Macumba é instrumento
13. Calunga de Zâmbi
14. "Troca de cabeça" não é "troca de Orixá"
15. Os reis do Congo
16. O assentamento dos "otás"
17. O *padê* de *Exú*
18. As provas dos *Ovindandas*
19. Patuá ou benguê
20. Os fanáticos das cachoeiras
21. Costumes indesejáveis

Cap. II — AS ARTES MÁGICAS NA UMBANDA

1. As artes mágicas na Umbanda
2. Simbolismo universal dos pontos riscados
3. A mironga dos defumadores
4. Os mistérios do jongo
5. Lendas da noite de S. João
6. *Saca-anga* e *catulá*

Cap. III — CERIMÔNIAS DO NASCIMENTO, DO CASAMENTO E DA MORTE

1. Preceitos do nascimento
2. O matrimônio umbandista
3. O *sirrun*

Cap. IV — UMBANDA, CATOLICISMO E KARDECISMO

1. Idéias antigas com roupas modernas
2. Enfim, a verdade
3. Uma definição da Umbanda
4. Luta religiosa, logo agora?...

Cap. V — ANÉXOS

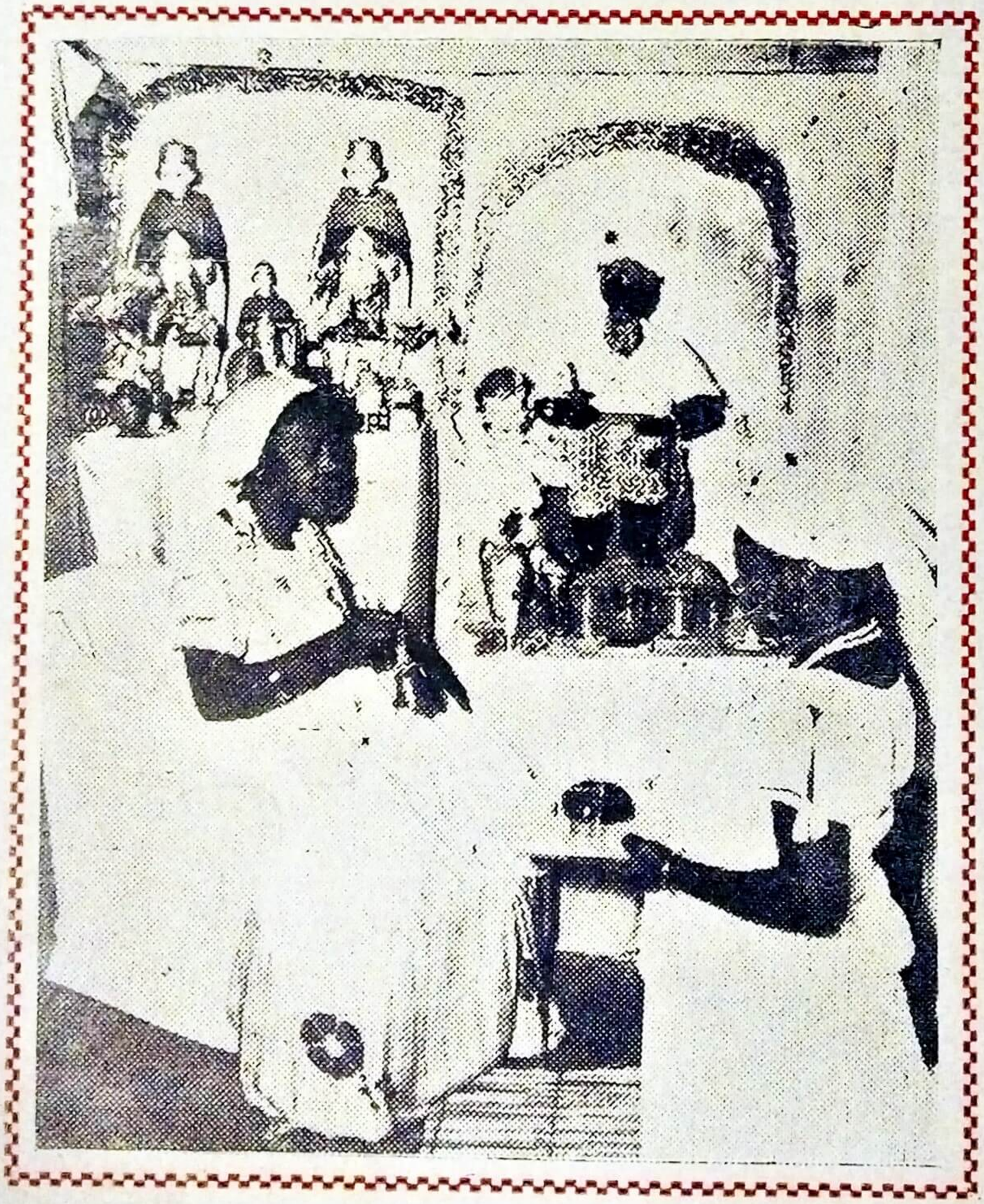
1. As revelações de COEMA PIRANGA

a) As revelações de Coema Piranga
b) Mensagem à Nação Tupí
c) Ê Parrei, Yansan!
d) Um caboclo Botocudo faz revelações sôbre Coema Piranga

2. Problemas da Umbanda.

PAE NOSSO EM NAGÔ

Bábá uá tingbé olô-
run áwó lôlô ôrú korè
ijô gbàrêdê tiré nikâ
si laiê.

Binâuon tun si li
ôrun fun auà lonjiojô
à lonin dári ésé uà ji
àuon tô èsé uá mà-
fáuá sinurê idan uô
xugbón Bákúro lonin
tun lá sim.

AMIN.